UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA
GERAL

JULIO WILLIAM CURVELO BARBOSA

A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Semiótica e Lingüística Geral

Orientador: Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão

São Paulo

2008

JULIO WILLIAM CURVELO BARBOSA

A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientador: Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão

Instituição: FFLCH – USP

Presidente

Prof^a. Dr^a. Evani de Carvalho Viotti

Instituição: FFLCH – USP

Titular

Prof^a. Dr^a. Maria José Gnatta Dalcuche Foltran

Instituição: UFPR – Externo

Titular

*A Deus, por me dar mais do que mereço, me
permitindo chegar tão longe quanto desejo.*

*À minha mãe, Rosa, e ao Luiz, que sempre me
apoiaram, e me incentivaram a nunca desistir
daquilo vale a pena, mesmo nas horas difíceis.*

Ao meu pai, que olha por mim de lá do alto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão, que me “adotou” como aluno desde a iniciação científica; acreditou nas minhas viagens e delírios, aturou minhas “árvores bizarras”, e sempre me tratou com carinho, atenção, e dedicação, me ensinando a ser cada vez mais parecido com ela: uma pesquisadora consciente, que gosta do que faz; uma pesquisadora que admira os fatos da língua com entusiasmo, e os analisa com seriedade e objetividade. Obrigado, Esmeralda, por me fazer apaixonar pela ciência, e por sempre me lembrar de “fazer a conta até o fim”.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher, que me trouxe para a vida acadêmica, tanto pelo curso de sintaxe da graduação que me fez, logo no primeiro dia de aula, pensar: “é isso que eu quero fazer!”, quanto por ter aceitado me orientar na iniciação científica, mesmo que por um curto período de tempo. Seus comentários sempre pertinentes e sua visão como cientista me influenciaram muito, principalmente a entender os dados antes de sair propondo análises.

À Prof^a. Dr^a. Evani Viotti e à Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher, por participarem na banca do exame de qualificação, apontando problemas e questões importantes para que o trabalho tomasse o rumo certo.

Agradeço também a todos os professores do Departamento de Linguística, sempre presentes e acessíveis aos alunos, seja nos cursos, seja em eventos (nem sempre acadêmicos) ou grupos de estudos: Ana Paula Scher, Marcos Lopes, Luciana Storto, Jairo Nunes, Marcello Modesto, Ana Müller, Evani Viotti, Marcelo Ferreira, entre outros.

Aos Profs. Drs. David Embick e Marcello Marcelino, por conversarem comigo sobre meu trabalho, dividindo conhecimento e acrescentando idéias importantes para a análise sintática feita nesse trabalho.

Aos funcionários do DL, Ben Hur (obrigado, Ben Hur, por nunca deixar a Érica me bater), Robson (obrigado, Robson, pelas conversas, dicas e “relatórios”) e Érica (obrigado, Érica, por me salvar da máquina de Xerox, que me odeia) por me aturarem esse tempo todo no Departamento: seja preparando o ENAPOL, seja só atrapalhando eventualmente.

Aos colegas lingüistas, que sempre ouviram as minhas baboseiras, piadinhas sobre resultativas e outras piadas de lingüista que nunca têm graça, e apesar disso, sempre me deram grandes idéias e *insights* para o desenvolvimento deste trabalho: Juliana Nasser, Marcus Avelar, Thiago Coutinho-Silva, Suzi Lima, Renata Leung, Rafael Minussi, Sonia Rocha, Indaiá Bassani, Juliana Pacheco, Leonor Simioni, e mais um sem-número de pessoas que não deve mais agüentar me ouvir falar: “mas, e as resultativas?”

Agradeço aos integrantes do GREMD, por me aceitarem como parte do grupo, mesmo não estando tão presente nos últimos meses.

Agradeço também àqueles que me ajudaram na reta final desse trabalho, lendo versões do texto, fazendo comentários, etc.: Juliana Nasser, Leonor Simioni, Indaiá Bassani, Suzi Lima, Rafael Minussi. A ajuda de vocês foi muito importante.

Faço aqui um agradecimento especial àqueles que vivenciaram a produção desse trabalho mais intensamente:

- Rafael Minussi. Obrigado pelas conversas, pela rota de fuga do tiroteio em pleno shopping, pelas risadas, e por sempre sugerir um *chopp* depois dos momentos mais estressantes. É o CAOS!

- Suzi Lima e Thiago Coutinho-Silva (com os quais formo o “trio preto de confiança”). Obrigado por me apoiarem em todas as crises, pelos momentos de diversão com nível intelectual altíssimo, e por compartilharem da genialidade presente em suas mentes. *Gulio* sempre será fã de vocês. Porque é tudo nosso, e o que não for, a gente toma!

- Juliana Nasser. Ju, muito obrigado por me ajudar a entender o que eu estava fazendo, e me ajudar a conseguir explicar porque uma resultativa é uma resultativa, dentre outras crises. Obrigado pelo companheirismo, e por ser sempre amiga, na calmaria ou na tempestade. *For you I bleed myself dry.*

Agradeço aos meus amigos fora da USP, que, apesar de não saberem muito bem o que estudo, sempre me apoiaram, me divertiram e estiveram lá quando eu precisei: Ricardo, Thiago, Fúlvio, Mauro, Rogério, Marcelo, Rui, Titico, Posa, e todos os “caras”.

Agradeço à Gisele, pelo apoio moral e pelas orações. Obrigado, *Gi fofa*.

Aos meus pais, que sempre me deram o apoio que precisei quando nada mais fazia sentido.

Agradeço também à FAPESP e ao CNPq, que contribuíram para o financiamento deste trabalho.

Existem muito mais pessoas que eu gostaria de agradecer aqui, mas não dá. Muita gente é importante na nossa vida, e é injusto termos que fazer uma lista daqueles que queremos agradecer. A todos aqueles que contribuíram para os “resultados” deste trabalho e não estão aqui citados, saibam que levo no coração todas as boas energias que me trouxeram ao longo desses anos de trabalho.

*“As línguas diferem essencialmente naquilo
que devem expressar, e não naquilo que podem
expressar”*

Roman Jakobson

RESUMO

BARBOSA, Julio William Curvelo. **A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”**. 2008. 134f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Neste trabalho, retomaremos a questão sobre a existência de construções resultativas no português brasileiro (PB), conforme debatido nos trabalhos de Foltran (1999), Marcelino (2000), e Lobato (2004), *inter alia*, apresentando evidências teóricas e empíricas contra a afirmação de que existam em PB construções resultativas sintaticamente ou semanticamente equivalentes às construções resultativas presentes em línguas como o inglês, por exemplo.

A partir de alguns trabalhos sobre as construções resultativas do inglês, como Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995), mostraremos que as propriedades básicas dessas construções no inglês se mostram bem distintas das propriedades das construções citadas pelos trabalhos sobre o PB.

Com base em um critério que leva em conta as propriedades das construções resultativas no inglês, mostraremos que existe uma diferença semântica quanto ao tipo de modificação que o predicado resultativo exerce sobre a sentença em inglês e em PB, baseados na semântica de eventos neo-Davidsoniana (PARSONS, 1990); enquanto na primeira o predicado resultativo denota o estado resultante da ação, na segunda, o predicado secundário é, na verdade, um modificador do estado resultante, já denotado pelo conteúdo semântico expresso no complexo verbo+argumento interno.

Baseados na tipologia de Talmy (2000), estenderemos sua proposta de impossibilidade de *amalgama (conflation)* de certos elementos semânticos ao verbo em línguas românicas à impossibilidade de formação de resultativas. Incapaz de realizar *amalgama de modo* ao verbo,

o PB realiza, ao invés do modo, a semântica de *causa* amalgamada ao *co-evento* no verbo, enquanto inglês realiza a semântica de *estado resultante* em um satélite, e *modo* e *causa* amalgamados ao verbo.

A partir dos resultados obtidos pela nossa análise semântica, conduziremos uma análise sintática que explica tanto a restrição de amálgama de modo quanto à impossibilidade de formação de construções resultativas em PB. Baseados na teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993, 2002), iremos propor uma estrutura de predicados complexos para as resultativas do inglês a partir da estrutura de verbos *deadjetivais*, responsáveis pela formação de verbos inacusativos. A restrição de formação desses predicados complexos em PB é explicada pela marcação negativa do Parâmetro de Composicionalidade nessa língua, (SNYDER, 1995), impedindo a inserção de itens lexicais de classe aberta (*raízes*) em posições marcadas com o traço [+Afixal], condição *sine qua non* para a formação de predicados resultativos como os do inglês.

Palavras-chave: Construção Resultativa, Predicados Complexos, Amálgama de Modo, Modificação de Estado Resultante, Estrutura Argumental.

ABSTRACT

BARBOSA, Julio William Curvelo. **The syntactic structure of the so-called “BP resultative constructions”**. 2008. 134pp. Thesis (Master’s Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

In this work, we take up again the discussion of whether resultative constructions exist in Brazilian Portuguese (BP), as discussed in the works of Foltran (1999), Marcelino (2000) and Lobato (2004), *inter alia*, presenting theoretical and empirical evidence against the claim that there are resultative constructions in BP that are syntactically or semantically equivalent to resultative constructions from languages such as English, for instance.

Based on works about English’s resultative construction such as Hoekstra (1988) and Levin & Rappaport-Hovav (1995), we show that the basic properties of these constructions in English are quite distinct from the properties of the constructions mentioned by the works about BP.

With a criterion which takes on the properties of resultative constructions in English, we show that there is semantic difference as for the type of modification applied by the resultative predicate over the sentence when comparing English and BP, considering the neo-Davidsonian event semantics (PARSONS, 1990); while English’s resultative predicate denotes the action’s resultant state, in BP the secondary predicate is, in fact, the modifier of the resultant state already denoted by the semantic content expressed by the complex verb+internal argument.

Based on Talmy’s (2000) typology, we relate his proposal of impossibility of *conflation* of certain semantic elements to the verb in romance languages to the impossibility of resultative construction formation in these languages. Unable to conflate *manner* to the

verb, BP realizes, instead of *manner*, the *cause* semantics conflated to the verb's *co-event*, while English realizes the *resultant state on a satellite*, and *manner* and *cause* are conflated into the verb.

From the results obtained with our semantic analysis, we conduct a syntactic analysis that explains the manner conflation restriction in BP, as well as its inability to form resultative constructions. Based on the argument structure theory from Hale & Keyser (2002), we suggest a complex predicate structure for English's resultatives from the *deadjectival* verb structures, responsible for the formation of the unaccusative verbs. The restriction over the formation of these predicates in BP is explained by the negative setting of the Compounding Parameter in this language (SNYDER, 1995), thus not allowing the insertion of open-class lexical items (*roots*) into positions marked with the [+Afixal] feature, a *sine qua non* condition for the resultative predicate formation, such as English's resultative predicates.

Keywords: Resultative Construction, Complex Predicates, Manner Conflation, Resultant State Modification, Argument Structure.

SUMÁRIO

1. Introdução: o que é uma construção resultativa, afinal?.....	13
1.1. O status de “construção” e os objetivos de análise das construções resultativas: primeiras definições.....	13
1.2. Propriedades básicas das construções resultativas.....	17
1.3. Os limites de definição de uma construção resultativa: propriedades sintáticas e semânticas.....	21
1.3.1. A classificação dos verbos que selecionam resultativas e as small clauses: a análise de Small Clause Results (Hoekstra 1988).....	21
1.3.2. Predicados secundários, DOR e construções resultativas: Levin & Rappaport-Hovav (1995).....	26
1.3.3. O critério resultativo.....	32
1.3.4. Propriedades semânticas das resultativas: motivando o critério resultativo.....	37
1.3.4.1. A modificação de eventos (PARSONS 1990): as resultative tags.....	37
1.3.4.2. Como se expressam modo e ‘resultado’ no inglês e no PB? Adaptando a proposta de verbos de movimento de Talmy (2000) às construções resultativas.....	41
1.3.4.2.1. Talmy (2000): verbos de movimento e a distinção entre línguas emolduradas nos satélites versus línguas emolduradas nos verbos.....	41
1.3.4.2.2. Relacionando a análise de verbos de movimento às construções resultativas: os macro-eventos, eventos-moldura e as relações de suporte.....	48
1.4. Conclusões parciais: o que podemos chamar de construções resultativas.....	52
2. Afinal, existem ou não existem resultativas no PB?.....	54
2.1. Propostas de análise de resultativas no PB.....	54
2.1.1. Os predicados secundários resultativos: Foltran 1999.....	54
2.1.2. Marcelino (2000): As construções resultativas em português e em inglês: uma nova análise.....	56
2.1.3. Lobato (2004): Afinal, existe a construção resultativa em português?.....	58
2.2. Problemas teóricos e empíricos: porque as construções resultativas do PB não parecem ser resultativas.....	62
2.2.1. Algumas questões teóricas e empíricas sobre as construções resultativas do PB.....	63
2.2.2. “Resultativas do PB” já possuem estado resultante.....	68
2.2.3. Aplicando o Critério Resultativo aos dados do PB.....	75
3. Qual a estrutura sintática de uma construção resultativa?.....	82
3.1. Observando as análises de construções resultativas em inglês e em PB: motivações para uma nova análise.....	83
3.1.1. A teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993, 2002).....	84
3.1.1.1. LRS, sintaxe-L, e a representação das relações argumentais e semânticas: Hale & Keyser (1993).....	84
3.1.1.2. A proposta de estrutura argumental revisitada: Hale & Keyser (2002).....	89
3.2. Aplicando a proposta de Hale & Keyser às construções resultativas: predicados complexos, verbos denominais e manner conflation.....	99
3.2.1. Resultativas como predicados complexos? Verbos deadjetivais e suas propriedades afixais.....	99
3.2.1.1. O Parâmetro de Composicionalidade (SNYDER, 1995) e a restrição de formação de resultativas: o predicado complexo deadjetival e os traços afixais.....	103
3.2.1.2. Harley (2004): a operação de conflation revisitada.....	111
3.2.2. Amálgama de modo: ele é realmente necessário?.....	116
3.2.3. Aparando as arestas da análise sintática: explicando resultativas com PP e o reflexivo falso.....	123
3.2.4. A estrutura argumental dos modificadores de estado resultante.....	126
4. Conclusão.....	130
Referências Bibliográficas.....	131

1. Introdução: o que é uma construção resultativa, afinal?

1.1. O status de “construção” e os objetivos de análise das construções resultativas: primeiras definições

O objetivo deste trabalho é discutir um tema muito debatido no âmbito da gramática gerativa: as *construções resultativas*. Com base em análises do fenômeno em questão em línguas como o inglês (e o holandês), o nosso objetivo é contribuir para o debate acerca da existência desse tipo de construção em línguas como o português brasileiro (abreviado como PB, daqui em diante). De acordo com a literatura (Cf. Snyder, 1995, Mateu, 2001), línguas germânicas (como o inglês) seriam capazes de formar construções resultativas, enquanto línguas românicas, (como o PB) não o seriam.

Apesar dessa distinção tipológica, existem trabalhos que afirmam que o PB apresenta construções resultativas (e.g., Foltran, 1999, Lobato, 2004), apesar de uma série de restrições para a suposta formação dessas construções nessa língua. Em nosso trabalho, questionaremos os argumentos dados nessas análises, e iremos propor, com base em critérios sintáticos e semânticos, tanto uma análise semântica quanto uma análise sintática para o inglês que derivam a impossibilidade de formação de construções resultativas em PB a partir da distinção já consagrada na literatura entre as famílias de língua acima mencionadas.

Antes de iniciar a discussão sobre o tema deste trabalho, porém, é necessário deixar claro o que se deve entender por construção resultativa, e como essa *construção* será abordada daqui em diante. *Construção* é um termo que passou a ser utilizado nos primórdios da teoria gerativa (Cf. CHOMSKY, 1957, 1965), com o intuito de definir um determinado tipo de sentenças geradas por meio de regras de formação de sentenças e de transformações sintáticas.

Nesse modelo, existiam dois tipos de regras: (i) regras de formação de sentença e (ii) regras transformacionais. Construções eram definidas como sentenças que podiam ser obtidas a partir da aplicação de uma determinada regra transformacional sobre uma forma gerada a partir das regras de formação de sentença.

Um exemplo desse tipo de formação sintática seria a *construção passiva*. Uma sentença na voz ativa como (1) era a base para a formação de uma sentença na voz passiva. A partir das regras disponíveis na língua (2), o componente sintático manipula os itens lexicais, aplicando-os na estrutura, através das regras de reescritura (3). O produto dessas operações (a sentença *S* em (3)) é então submetido às regras transformacionais (4), que a partir dessa sentença acabava por gerar uma *construção passiva* propriamente dita (5).

- (1) *O homem acertou a bola.*
- (2) *Regras de estruturação frasal*
 - (i) *Sentença* $\rightarrow$ *NP+VP*
 - (ii) *NP* $\rightarrow$ *T+N*
 - (iii) *VP* $\rightarrow$ *Verbo+NP*
 - (iv) *T* $\rightarrow$ *o, a, etc.*
 - (v) *N* $\rightarrow$ *homem, bola, etc.*
 - (vi) *Verbo* $\rightarrow$ *bateu, pegou. etc.*

(CHOMSKY 1957, p. 26, tradução nossa)

- (3) *Inserção de itens lexicais*

Sentença

NP + VP

(i)

T + N + VP

(ii)

$T + N + Verbo + NP$ (iii)

$o + N + Verbo + NP$ (iv)

$o + homem + Verbo + NP$ (v)

$o + homem + acertou + NP$ (vi)

$o + homem + acertou + T + N$ (ii)

$o + homem + acertou + a + N$ (iv)

$o + homem + acertou + a + bola$ (v)

(CHOMSKY, 1957, p. 27, tradução nossa)

S= *O homem acertou a bola.* (DS – leitura semântica)

(4) *Regra de transformação (PASSIVA)*

descrição estrutural $NP_1 - AUX - V - NP_2$

1 2 3 4

modificação estrutural $4 - 2 + \text{ser} + \text{part. passado} - 3 - \text{por} + 1$

(Adaptado de CHOMSKY, 1965)

(5) *A bola foi acertada pelo homem.* (SS – leitura fonológica)

Na literatura sobre as construções resultativas, tentou-se dar uma definição a esse fenômeno por meio de regras. Assim como no caso da passiva, foi proposta a construção resultativa, que derivava da aplicação de transformações sobre uma descrição estrutural de uma sentença transitiva (SIMPSON, 1983, JAYASEELAN, 1984, apud HOEKSTRA, 1988).

Em alguns trabalhos, como o de Hoekstra (1988), o termo “construção” ainda é utilizado (de maneira descritiva, sem estatuto teórico, porém) para tratar desse fenômeno sintático, apesar de não se basear em uma análise de formação de sentenças com base em regras. Ou seja, o termo *construção resultativa* ainda é utilizado até hoje pelos autores que

tratam desse fenômeno sintático simplesmente para referir-se a um conjunto específico de dados que compartilham de certas propriedades semelhantes, caracterizadoras desse tipo de construção.

É exatamente dessa definição de construção mostrada acima que não queremos nos aproximar. Daqui em diante, quando falarmos de *construção resultativa*, não estaremos nos referindo ao conceito de *construção* explicitado acima. Apenas usaremos esse termo para nos referirmos a um conjunto de dados presente em certas línguas. Utilizaremos aspas no caso das “resultativas do PB” porque, neste trabalho, colocamos em dúvida a existência desse fenômeno nessa língua, conforme apontado pelos trabalhos que defendem a existência dessa construção.

Mostraremos, ao longo deste trabalho, que esse conjunto de fatos pode ser representado sintaticamente por um predicado complexo, que é possível graças a um conjunto de propriedades do verbo e do predicado resultativo que permitem que eles se unam, expressando assim, um estado resultante derivado de uma ação cujo modo ou instrumento são explicitados no “conteúdo nominal” implícito no verbo. Acreditamos também que esse conjunto de propriedades é restrito a ocorrer em um determinado grupo de línguas, dado um Parâmetro que coloca línguas como PB e inglês em categorias distintas.

A partir da relação entre esse Parâmetro e a possibilidade de expressar certas propriedades semânticas na estrutura argumental, iremos, no capítulo de análise sintática (Cf. cap. 3, abaixo) derivar a restrição que caracteriza o PB como uma língua que não permite construções resultativas.

A partir deste ponto, portanto, quando falarmos de construções resultativas do inglês, estaremos falando do conjunto de dados que representa esse conjunto de propriedades que uma sentença de determinada língua apresenta quando denota um resultado decorrente de um processo desencadeado pelo verbo, especificado por modo ou instrumento. Já quando

estivermos nos referindo às “resultativas do PB”, ou “construções resultativas do PB”, falaremos do conjunto de dados que alguns autores dizem ser semelhantes aos dados do inglês na maneira de expressar um estado resultante.

1.2. *Propriedades básicas das construções resultativas*

Em línguas como o inglês, eventos que denotam causatividade e culminam em resultados de uma determinada ação são expressos por um tipo de formação sintática cuja existência no português brasileiro é objeto de discussão. Essas sentenças são conhecidas na literatura como *construções resultativas* (ou simplesmente, *resultativas*) e têm suas propriedades descritas e tratadas por um conjunto de trabalhos nas teorias sintáticas modernas.

As construções resultativas são muito produtivas nas línguas em que se manifestam, sendo realizadas tanto com verbos monoargumentais quanto com verbos que selecionam mais de um argumento¹. Exemplos de construções resultativas do inglês podem ser vistos em (6)²:

(6) *She laughed him out of his patience.*

Ela riu ele fora de sua (masc.) paciência

‘Ela riu até tirar ele do sério/ Ela tirou ele do sério rindo’

(HOEKSTRA, 1988, p.115)

¹ Neste trabalho, não falaremos das construções resultativas com verbos bitransitivos, caso do coreano (KIM; MAILING, 1997, HONG, 2006), já que esse tipo de resultativa não ocorre em todas as línguas em que a construção se manifesta, e o objetivo do trabalho é comparar as propriedades mais prototípicas e recorrentes nesse fenômeno sintático.

² As traduções e eventuais desvios de interpretação são de nossa inteira responsabilidade.

- (7) *The sopranos sang us sleepy.*

As sopranos cantaram nós (acus.) sonolentos/com sono

‘As sopranos cantaram até nos deixarem com sono/ nos deixaram com sono cantando’³

(HOEKSTRA, 1988, p.116)

- (8) *They wiped the table clean.*

Eles flanelaram a mesa limpa

‘Eles passaram uma flanela na mesa até ela ficar limpa/ limparam a mesa passando uma flanela (na mesa)’

(HOEKSTRA, 1988, p.117)

- (9) *Well, the conclusion was that my mistress*

Bem, a conclusão foi que minha amante

grumbled herself calm.

resmungou ela mesma calma

‘Bem, a conclusão foi que minha amante resmungou até se acalmar/se acalmou resmungando’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.35)

³ Na maioria das sentenças do inglês, é vista uma leitura de intensidade nas resultativas. No caso de (7), poderíamos ter uma tradução como “as sopranos cantaram tanto, que acabamos ficando com sono”. Agradeço às Profas. Evani Viotti e Maria José Foltran por terem apontado este fato durante a defesa da dissertação, já que as traduções com estas leituras haviam sido removidas do texto, apesar de constarem no relatório de qualificação.

- (10) *Woolite* *safely* *soaks* *all your*
Woolite com segurança encharca todas as suas
fine washables *clean.*
roupas delicadas limpas
‘*Woolite* deixa de molho com segurança todas as suas roupas finas até
que elas fiquem limpas/ limpa todas as suas roupas finas deixando-as de molho
com segurança’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.34)

- (11) *The bottle* *broke* *open.*
A garrafa quebrou aberta.
‘A garrafa quebrou até ficar aberta/ A garrafa abriu quebrando’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.39)

Observe que a tradução dessas sentenças para o PB é difícil, e, para transmitir a mesma quantidade de informação que as sentenças do inglês transmitem, são necessárias orações complexas, ou mesmo duas sentenças em PB.

Na primeira tradução das sentenças acima, o verbo da oração matriz em PB é o mesmo que do inglês. Porém, é necessário acrescentar um adjunto para expressar informações sobre o estado resultante dessa ação. Já na segunda tradução, a ênfase do resultado é na oração matriz, e o verbo dessa oração tem como origem o predicado resultativo correspondente em inglês. Nessa sentença, o adjunto é necessário para descrever como se dá o resultado (modo ou instrumento) da ação expressa na oração matriz. Como podemos ver abaixo, uma tradução literal a partir do inglês ou do holandês não é gramatical (12-15):

(12) *He laughed himself sick.*

**Ele se riu doente.*

(13) *The clock ticked the baby awake.*

**O relógio tiquetaqueou o bebê acordado.*

(14) *John washed the soap out of his eyes*

**John lavou o sabão para fora de seus olhos.*

(15) *He rubbed the tiredness out of his eyes.*

**Ele esfregou o cansaço para fora de seus olhos.*

(HOEKSTRA 1988, pp.115-116, tradução nossa)

A partir dessa observação, poderíamos dizer que, nas resultativas, o inglês é capaz de acumular mais informações sobre uma ação em uma oração simples, se comparado ao PB. Assim sendo, surgem algumas perguntas: (i) quais seriam essas informações “condensadas” em inglês? (ii) como essas informações são codificadas tanto na estrutura sintática quanto na estrutura semântica dessa língua? (iii) por que o PB não consegue “condensar” essas informações da mesma maneira que o inglês?

Para responder algumas das questões acima, é necessário delimitar mais precisamente as propriedades básicas das construções resultativas, dado que elas não são consenso na literatura, mesmo para as línguas em que a existência dessa construção é reconhecida.

Iremos nos guiar pelos trabalhos de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995) para determinar as propriedades base da nossa comparação com o PB⁴, e, a partir

⁴ Além dos trabalhos acima mencionados, as construções resultativas no inglês foram tratadas por um conjunto de trabalhos, (e.g. SIMPSON, 1983, CARRIER; RANDALL, 1992, VON STECHOW, 1995) que dão diferentes análises sintáticas e ressaltam diferentes aspectos das resultativas. Escolhemos os trabalhos de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995) simplesmente pela adequação aos fatos empíricos, e pela necessidade de uma definição das propriedades sintáticas e semânticas do fenômeno em questão, no intuito de compará-las com o PB.

delas, motivar um critério que reúne propriedades sintáticas e semânticas para determinar o que chamaremos de construção resultativa neste trabalho.

1.3. Os limites de definição de uma construção resultativa: propriedades sintáticas e semânticas

1.3.1. A classificação dos verbos que selecionam resultativas e as small clauses: a análise de Small Clause Results (Hoekstra 1988)

Hoekstra (1988) toma como base as construções predicativas, incluindo as construções resultativas, para defender um modelo de gramática constituído de princípios gerais e de parâmetros, e não mais de regras específicas para determinadas construções.

Para as resultativas, Hoekstra se baseia na análise de *small clause* (ou SC) elaborada por Stowell (1981). O autor mostra que, em holandês, não existe distinção de ordem de constituintes em sentenças com APs ou PPs predicativos e sentenças com APs e PPs argumentos do verbo. Logo, construções resultativas também deveriam ser representadas por *small clauses*, já que essas construções apresentam também um elemento predicativo, que nessa construção traz um conteúdo informacional sobre o estado resultante da ação verbal.

Uma questão importante para Hoekstra é como a interpretação das sentenças pode ser útil para a análise. Para o autor, os complementos não são lexicalmente determinados nas construções resultativas. Em uma sentença como *John washed his car*, o complemento [*his car*] é s-selecionado pelo verbo devido às propriedades de seleção deste. Numa construção resultativa como *John washed the soap out of his eyes*, o licenciamento é dado por meio de uma seleção que privilegia não um requerimento lexical, mas uma restrição imposta por princípios mais gerais, como o Princípio de Projeção (CHOMSKY, 1986a), por exemplo. Se o

NP já é “sujeito” do constituinte [_{SC} [the soap] [_{PP} out of his eyes]], porém, o verbo não poderia selecioná-lo, e, por isso, a expressão predicativa como um todo é selecionada.

Com base nessas afirmações, Hoekstra separa os verbos que permitem a ocorrência de construções resultativas em três categorias:

(16) *Classificação dos verbos que selecionam resultativas, segundo Hoekstra (1988):*

- (i) Verbos que normalmente não selecionam nenhum argumento interno, e, conseqüentemente, não tem papel θ a atribuir a essa posição;
- (ii) Verbos que podem selecionar (opcionalmente) argumentos internos (como um NP simples⁵), mas quando selecionam resultativas, selecionam semanticamente (atribuindo papel- θ) não apenas o NP complemento, mas a todo o constituinte, formado pelo NP e o predicativo (AP ou PP);
- (iii) Verbos que tem sua estrutura temática inalterada, porém quando há a adição de um elemento modificador do objeto, há uma leitura resultativa da sentença.

Hoekstra nomeia esses verbos intransitivos (i), pseudotransitivos (ii), e transitivos (iii).

É interessante observarmos as construções resultativas com verbos cujas propriedades se enquadram em (i) e (ii), pois, já que esses verbos aparentemente não são talhados para selecionar argumentos internos⁶, a hipótese de que as resultativas são selecionadas pelo verbo e ocupam a mesma posição de argumentos internos traz conseqüências interessantes para qualquer análise sintática que trate deste fenômeno. Tanto para os verbos em (i) quanto em (ii), Hoekstra afirma que o verbo (ou a construção como um todo) destas sentenças adquire

⁵ Hoekstra chama esses verbos de “verbos de apagamento de objeto subespecificado”, como *comer*, em que o objeto (o que é comido) pode ser omitido sem prejudicar a interpretação semântica. Daí dizer que esses verbos não selecionam complemento de maneira obrigatória.

⁶ Lembrando que nesses verbos, segundo Hoekstra (1988), a seleção é feita sobre o constituinte formado pelo NP e pelo PP/AP pós-verbais.

uma leitura causativa e, devido a essa relação, o predicado obtém sua interpretação resultativa. Hoekstra afirma, ainda, que nesse tipo de sentença o objeto é sempre afetado.

Para os verbos dos tipos (i) ((17)-(19)), e (ii) ((20)-(21)), Hoekstra diz que não há uma relação semântica óbvia entre o verbo e o NP que o segue. Nas sentenças com predicado resultativo, o verbo⁷ adquire uma leitura causativa com ambos os tipos verbais. Veja alguns dados desse tipo abaixo:

- (17) *He laughed himself sick.*
 Ele riu ele mesmo doente
 ‘Ele riu até ficar doente/ Ele ficou doente rindo’

(HOEKSTRA, 1988, p.115)

- (18) *The clock ticked the baby awake.*
 O relógio tocou o bebê acordado
 ‘O relógio tocou até o bebê acordar/ O relógio acordou o bebê tocando’

(HOESKTRA, 1988, p.115)

- (19) *Hij schreeuwde zijn keel rauw.*
He screamed his throat sore
 Ele gritou sua garganta dolorida
 ‘Ele gritou até sua garganta doer/ Ele machucou sua garganta gritando’

(HOESKTRA, 1988, p.116)

⁷ “A construção como um todo” (HOEKSTRA 1988, p.117, tradução nossa). Note como o conceito de construção ainda permeava o debate sobre o fenômeno, apesar de Hoekstra propor uma análise que vai em direção oposta às análises de construções tradicionais.

(20) *John washed the soap out of his eyes.*

John lavou o sabão fora de seus olhos

‘John lavou os seus olhos até tirar o sabão deles/ tirou o sabão de seus olhos lavando-os’

(HOESKTRA, 1988, p.116)

(21) *He rubbed the tiredness out of his eyes.*

Ele esfregou o cansaço fora de seus olhos

‘Ele esfregou os seus olhos até tirar o cansaço deles/ tirou o cansaço de seus olhos esfregando-os’.

(HOESKTRA, 1988, p.116)

O autor diz que, nos dados de (17) a (21), a falta de ligação semântica entre o verbo e o NP que o segue é evidência de que o constituinte formado pelo NP e a expressão predicativa que é selecionado pelo verbo intransitivo/pseudotransitivo. Hoekstra dá como evidência o fato de que retirar um desses dois elementos da sentença (o NP ou o AP/PP) leva a um resultado agramatical. Para o autor, essa seria uma motivação semântica para tomarmos as resultativas como *small clauses* complementos do verbo.

Assim, verbos que selecionam resultativas teriam a mesma representação semântico-lexical quando selecionam complementos comuns, mas podem projetar argumentos de categorias distintas quando participam de uma construção resultativa. O que muda, portanto, é somente a natureza categorial do argumento selecionado pelo verbo na posição de complemento (no caso, o constituinte SC). A maneira do verbo selecionar estruturalmente seu complemento não seria alterada. Para Hoekstra, tanto o NP complemento de uma sentença

como (22) quanto a SC complemento de uma sentença como (23) representam um “estado de coisas” resultante da ação verbal.

(22) *Jan bouwt [NP een huis]*

Jan constrói uma casa

(HOEKSTRA, 1988, p.130)

(23) *Jan bouwt [SC de stad vol]*

Jan constrói a cidade cheia

(HOEKSTRA, 1988, p.129)

O autor propõe, então, que um papel temático “*Result*” seja atribuído pelo verbo *bouwt* ao NP *een huis* em (22), enquanto em (23), a SC *de stad vol* é o constituinte que recebe esse papel temático. Hoekstra resolve, assim, a questão da seleção de resultativas por verbos transitivos. Ainda assim, o autor diz que essa relação de estrutura argumental não é obrigatória, já que qualquer verbo que denota atividade pode ser combinado com um complemento que denota o estado resultante daquela atividade, como no caso de resultativas com verbos inergativos como os de (17)-(18) (acima), por exemplo.

1.3.2. Predicados secundários, DOR e construções resultativas: Levin & Rappaport-Hovav (1995)

A análise de construções resultativas de Levin & Rappaport-Hovav (1995) se assemelha ao trabalho de Hoekstra no tocante às propriedades semânticas dessas construções. Portanto, do trabalho dessas autoras, o ponto mais importante a ressaltar diz respeito à análise sintática, que destoa da análise de Hoekstra (1988).

Assim como Hoekstra (1988), as autoras consideram que as resultativas delimitam a eventualidade do verbo, e especificam um estado resultante atingido. Por outro lado, as autoras acreditam que as resultativas não formam uma SC complemento. Elas argumentam em favor de uma análise em que o NP pós-verbal, nessas construções, só é argumento do verbo quando esse verbo seleciona argumento interno regularmente, isto é, mesmo sem um predicado resultativo, ou, no caso dos verbos inacusativos, se selecionam um NP que ocupa a posição de sujeito da sentença na estrutura superficial. Portanto, quando participam de uma construção resultativa, a sintaxe dos verbos que permitem esta construção é a mesma da de quando selecionam um complemento comum.

A tipologia verbal que Levin & Rappaport-Hovav (1995) propõem, portanto, é diferente da de Hoekstra (1988). Os três tipos de verbos que, segundo as autoras, selecionam resultativas no inglês são os verbos tradicionalmente chamados de transitivos (24), inergativos (25) e inacusativos (26) ⁸:

⁸ Cabe ressaltar que a distinção que Hoekstra (1988) fazia para os verbos das resultativas se preocupava com uma questão de seleção verbal, mais orientada para sua análise de Small Clause. Levin & Rappaport Hovav (1995), por sua vez, preocupam-se em usar as construções resultativas como diagnóstico para confirmar a existência de verbos inacusativos, comparando sua distribuição aos outros tipos de verbos, cuja existência já foi “consagrada” pela literatura, como os transitivos e os inergativos.

(24) *Woolite safely soaks all your*

Woolite com segurança encharca todas as suas

fine washables clean.

roupas delicadas limpas

‘*Woolite* deixa de molho com segurança todas as suas roupas finas até que elas fiquem limpas/ limpa todas as suas roupas finas deixando-as de molho com segurança.’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.34)

(25) *Well, the conclusion was that my mistress*

Bem, a conclusão foi que minha amante

grumbled herself calm.

resmungou ela mesma calma

‘Bem, a conclusão foi que minha amante resmungou até se acalmar/ se acalmou resmungando.’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.35)

(26) *The bottle broke open.*

A garrafa quebrou aberta.

‘A garrafa quebrou até ficar aberta/ A garrafa abriu quebrando.’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.39)

Para as autoras, a possibilidade de ocorrência das resultativas é explicada pela Restrição de Objeto Direto (*DOR*). Segundo essa restrição, os predicados resultativos somente podem

predicar de um NP pós-verbal (27), mas não de complementos preposicionados ou de sujeitos (28):

- (27) a. *The silversmith pounded the metal flat.*
 O ferreiro bateu (com algo pesado) o metal plano.
 ‘O ferreiro bateu com algo pesado no metal até ele ficar plano/deixou o metal plano batendo com algo pesado’.
- b. {*...until the dog barked him awake.*}
 até (que) o cachorro latiu ele(acus.) acordado
 ‘...até que o cachorro latiu até acordá-lo/ acordou ele latindo’.
- c. *Sylvester cried his eyes out.*
 Sylvester chorou seus olhos fora
 ‘*Sylvester* chorou até seus olhos caírem/ tirou seus olhos chorando’.

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, pp. 36-41)

- (28) a. **The silversmith pounded on the metal flat.*
 b. **The dog barked him.*
 c. **Sylvester cried his eyes.*

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, pp. 36-41)

A *DOR*, no entanto, não é apenas uma restrição configuracional. Essa restrição também depende da Regra de ligação de mudança de estado (*Change-of-State Linking Rule*), que poderia receber duas formulações: a versão (a), se aplicada a uma proposta como a de

Hoekstra, em que o verbo não seleciona o objeto diretamente, mas o constituinte SC, e a versão (b), se aplicada à proposta de predicados secundários de Levin & Rappaport-Hovav:

(29) *Regra de ligação de mudança de estado:*

- (a) Um NP referindo-se à entidade que sofre uma mudança de estado na eventualidade descrita pelo VP deve ser regido pelo verbo que é o núcleo do VP;
- (b) Um NP referindo-se à entidade que sofre uma mudança de estado na eventualidade descrita pelo VP deve ser o objeto direto do verbo que é o núcleo do VP.

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.51)

Com a *DOR*, verbos inacusativos garantiriam que seu complemento, mesmo que movido para a posição de sujeito, possa receber a predicação do sintagma resultativo (Cf. 26, acima).

Uma motivação para as autoras proporem a *DOR* e a regra de ligação de mudança de estado é a relação com a mudança aspectual sofrida pelos verbos que participam da construção resultativa. Verbos de construções resultativas denotam mudança de estado somente quando acompanhados do predicado resultativo. Levin & Rappaport-Hovav (1995) apontam vários outros autores que dizem que resultativas transformam atividades em *accomplishments*⁹ (Cf. DOWTY, 1979, HOEKSTRA, 1988, 1992, PUSTEJOVSKY, 1991b, TENNY, 1987, VAN VALIN, 1990).

Para as autoras, *accomplishments* descrevem mudanças de estado causativas, já que é comum que eles sejam descritos como eventualidades complexas formadas por uma atividade

⁹ *Accomplishment* é um dos termos criados por Vendler (1967) para classificar os verbos com base em sua estrutura aspectual. Os quatro termos utilizados para denotar o *aspecto* verbal são *achievements*, *accomplishments*, estados e atividades (ou processos). Um *accomplishment* é um processo que apresenta um ponto final inerente da ação, expresso pelo predicado.

e um estado, onde a atividade resulta na obtenção do estado (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.50). Logo, a regra de ligação de mudança de estado se faz necessária para garantir que esse elemento que sofre a mudança de estado ocupe a posição de objeto direto, o que faz com que a DOR deixe de ser uma simples restrição configuracional.

As autoras notam, ainda, que também existem verbos simples que denotam *accomplishments*. Esses verbos teriam o estado resultante especificado lexicalmente, enquanto a atividade que causa essa mudança de estado é subespecificada. A diferença entre esses verbos e as construções resultativas está no fato de que, nas resultativas, tanto a atividade quanto o estado resultante são especificados lexicalmente; a atividade é especificada pelo verbo, e o estado resultante é especificado pelo predicado resultativo.

Existem problemas na proposta sintática feita pelas autoras, porém. As autoras não explicam alguns problemas como o porquê de alguns inacusativos não selecionarem resultativas. Elas apenas alegam que essa classe não é uniforme.

No caso dos verbos inergativos, as autoras afirmam ser necessária a adição de um “reflexivo falso”, que estabelece correferência com o sujeito, permitindo assim que a DOR não seja violada. Na maioria dos verbos inergativos, as autoras vão dizer que essa correferência é possível, pois o objeto é de posse inalienável do sujeito.

O problema é que verbos inergativos, por definição, *nunca* selecionam um argumento interno; estes verbos apenas selecionam um argumento externo. As autoras também não explicam como alguns inergativos permitem que o NP pós-verbal na resultativa não seja subcategorizado pelo verbo (Cf. (30), abaixo), quando esse NP não denota posse inalienável do sujeito, outro problema decorrente da afirmação de que verbos inergativos podem ter um NP realizado na sua posição de argumento interno mesmo sem selecioná-lo tematicamente/semanticamente.

Sentenças com verbos inergativos trazem problemas para a análise de reflexivo falso, a DOR e a regra de ligação de mudança de estado, pois em sentenças como (30) os “argumentos internos” não recebem qualquer papel temático do verbo, que é inergativo. Desse modo, o DOR e a regra de ligação de mudança de estado estariam fazendo com que esses argumentos fossem forçosamente realizados na posição de complemento do verbo:

- (30) *I ... ruthlessly roused Mr. Contreras by*
 Eu... impiedosamente fiz levantar *Mr. Contreras* por
knocking on his door until the dog
batendo em sua(masc.) porta até o cão
barked him awake.
 latiu ele(acus.) acordado
 ‘Eu... impiedosamente fiz Mr. Contreras levantar batendo em sua porta até
 que o cachorro latiu até acordá-lo/ acordou-o latindo’

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p.36)

Em suma, para Levin & Rappaport-Hovav (1995), a formação de resultativas se dá por acréscimo de um sintagma resultativo (AP ou PP), e, em alguns casos, de um NP com o qual esse sintagma resultativo estabelece sua relação de predicação. A interpretação da construção resultativa é dada pela sua composicionalidade junto ao verbo, e a resultativa só se diferencia de *accomplishments* simples (verbos como *build*, *construct*, *destroy* e *kill*) por expressar o estado resultante no predicado secundário, enquanto outros tipos de *accomplishments* o expressam no verbo.

1.3.3. O critério resultativo

Até onde pudemos ver, as propostas para o inglês acima mencionadas defendem que as resultativas são construções que (i) são altamente produtivas, (ii) são formadas por verbos de atividade (processos) que se transformam em *accomplishments* pelo acréscimo do predicado resultativo, (iii) mostram uma forte relação entre mudança de estado e estado resultante, (iv) ocorrem tanto com verbos monoargumentais que não selecionam argumento interno quanto com verbos monoargumentais que selecionam um argumento interno, e também com verbos bi-argumentais.

Ainda é necessário definir quais as propriedades básicas de uma construção resultativa; ou seja, o que faz uma sentença ser resultativa? A questão é mais difícil de se responder do que parece. Nas seções a seguir, tentaremos agrupar todas as características que as construções resultativas apresentam, e, a partir delas, montar uma lista. A esta lista daremos o nome de *critério resultativo*. Se uma sentença falha em se adequar a qualquer um dos critérios nela presentes, sejam eles sintáticos ou semânticos, significa que a sentença não caracteriza uma construção resultativa, a nosso ver.

Nosso *critério resultativo* será formado a partir das seguintes “fontes”: (i) o conteúdo expresso pelas resultativas do inglês, observado a partir das suas paráfrases possíveis; (ii) as definições dadas nas análises de Hoekstra e Levin & Rappaport-Hovav, (iii) as definições dadas a partir da nossa adaptação da análise de Talmy (2000) sobre os verbos de movimento, estendida às construções resultativas (seção 1.3.4.2., abaixo); (iv) a aplicação da forma lógica de *resultative tag*, de Parsons (1990) aos dados do inglês (seção 1.3.4.1., abaixo). À primeira vista, este tipo de definição parece arbitrariamente estipulado. Porém, acreditamos que essa é a melhor maneira de distinguir as sentenças do PB e inglês quanto à possibilidade de formar

resultativas, já que acreditamos que a diferença entre PB e inglês não é uma questão exclusivamente sintática.

O que diferencia PB e inglês é o conteúdo semântico que cada uma dessas línguas expressa quando um falante de cada uma dessas línguas reporta um evento causativo e um estado resultante. A partir da expressão semântica, observaremos a maneira como esse conteúdo pode ser codificado na estrutura sintática dessa língua, de acordo com as estruturas que essa língua permite (ou não) formar.

Assim sendo, a partir de algumas propriedades já mencionadas a partir dos trabalhos de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995), e de algumas propriedades que atribuiremos às resultativas ao longo do nosso trabalho, eis a nossa “lista de exigências”; ou seja, o conjunto de características que faz, a nosso ver, uma sentença ser considerada uma construção resultativa propriamente dita:

(31) *Critério Resultativo*

Uma sentença é considerada uma construção resultativa desde que não viole nenhuma das seguintes condições:

- (i) *O predicado secundário resultativo denota um estado resultante;*
- (ii) *O objeto atinge o estado resultante por meio de uma mudança de estado;*
- (iii) *A mudança de estado é denotada pelo predicado resultativo (e não pelo verbo, que denota o desencadeamento da mudança);*
- (iv) *A mudança de estado é causada por um desencadeador externo (“agente”¹⁰);*

¹⁰ Quando dizemos “agente”, nos referimos à função semântica desempenhada pelo argumento externo, desencadeador da causa, conforme proposto nas formas lógicas de Parsons (1990). Temos motivos para acreditar, porém, que a resultativa seja necessariamente formada por sentenças com um agente no sentido tradicional do termo dentro da gramática gerativa, pelo fato de que sentenças como (ii) parecem ser agramaticais para falantes do inglês:

- (i)

<i>John</i>	<i>cut</i>	<i>him</i>	<i>loose.</i>
<i>Jonh</i>	<i>cortou</i>	<i>ele(acus.)</i>	<i>solto</i>

‘John cortou (algo) até ele ficar solto/soltou ele cortando (algo que o prendia)’

- (v) *O verbo acquire uma leitura causativa (“agente” como desencadeador da mudança de estado);*
- (vi) *O verbo explicita o modo pelo qual a mudança de estado é desencadeada;*

Neste momento, surge uma questão de ordem epistemológica: até onde o critério em (31) faz deste trabalho menos empirista e mais dogmático? Na tradição da Gramática Gerativa, as análises buscam sempre gerar uma estrutura sintática a partir dos dados e das generalizações alcançadas a partir destes. Feitas as generalizações, uma estrutura sintática que dê conta dessas particularidades¹¹ é sugerida. Em nossa investigação, apesar de os dados serem extremamente importantes para defender nossa hipótese, tomaremos um caminho um pouco diferente: ao invés de observar apenas as propriedades sintáticas das resultativas, comparando os dados do inglês e do PB, partiremos do pressuposto de que existem grandes divergências semânticas entre as construções resultativas do inglês e as construções do PB que são chamadas de resultativas por alguns autores.

O nosso “pilar argumentativo”, por assim dizer, será a proposta de que línguas como o PB e o inglês diferem em um quesito extremamente importante para determinar a possibilidade de formação de uma construção resultativa: a *perspectiva de estruturação de um evento*. A partir do trabalho de *semântica neo-Davidsoniana* de Parsons (1990), faremos uma análise formal dos dados do inglês e PB (seção 2.2.2., abaixo), especialmente no que diz respeito ao predicado secundário resultativo, mostrando que existe uma diferença de como este predicado se relaciona/modifica o evento em cada língua.

(ii)	?The drop	of the knife	over	the rope	cut	him	loose.
	a queda	da faca	sobre	a corda	cortou	ele (acus.)	solto
	‘A queda da faca cortou (algo) até ele ficar solto/soltou ele cortando (algo que o prendia)’						

¹¹ Atentamos para o fato de que, em princípio, nossa proposta de análise sintática pode ser considerada, em último caso, tão especulativa e arbitrária quanto a proposta de nosso critério resultativo.

Além da distinção feita por Parsons que distingue PB e inglês, utilizaremos a teoria de *semântica cognitiva* de Talmy (2000) para motivar a impossibilidade de termos resultativas em PB. Mostraremos, com base na tipologia feita pelo autor, centrada na realização de determinados traços semânticos na estrutura sintática das línguas, que PB e inglês se encontram em grupos distintos, e, portanto, realizam alguns traços semânticos em diferentes elementos sintáticos. Dessa diferença tipológica viria a impossibilidade de formação de resultativas em PB (Cf. seção 1.3.4.2., abaixo).

A partir dessas divergências, apontadas no próximo capítulo, a necessidade de postulação de estruturas sintáticas distintas para as resultativas do inglês e para os dados do PB será uma condição necessária, já que, de acordo com os pressupostos que passaremos a considerar a partir da análise de Talmy (2000), a manifestação semântica traz conseqüências para a manifestação sintática, e vice versa. Ou seja, acreditamos que, a partir de uma análise semântica dos dados, podemos extrair evidência suficiente para dizer que dois grupos de sentenças em línguas diferentes apresentam uma estrutura sintática distinta.

Observando sentenças como (32), e suas traduções para o PB ((33) e (34)), vemos que em PB é impossível expressar em uma única oração o conteúdo expresso por uma sentença com construção resultativa do inglês:

(32)	<i>The jackhammer</i>	<i>pounded</i>	<i>me</i>	<i>deaf.</i>
	A britadeira	bateu	eu(acus.)	surdo.

(HOEKSTRA, 1988, p.116)

- (33) *A britadeira me ensurdeceu batendo/de tanto que batia.*

- (34) *A britadeira bateu até me deixar surdo.*

- (35) * *A britadeira me bateu surdo.*

Feita essa observação, poderíamos nos perguntar: onde seriam manifestadas as diferenças sintáticas e semânticas quanto às propriedades (ou traços) presentes no verbo principal em (32) que não podem ser expressos no verbo correspondente (34)? Ou ainda, por que *deaf* pode aparecer na oração principal em (32) e *surdo* é agramatical quando na oração principal (35), mas possível quando numa oração adjunta (34)? Ou ainda, como explicar as paráfrases de (37) e (39), possíveis em inglês, porém impensáveis em PB ((41) e (44)):

(36) *John hammered the metal flat.*

(37) *John caused the metal to become flat by hammering it.*

(38) *John painted the house yellow.*

(39) *John caused the house to become yellow by painting it.*

(40) *A Maria pintou a casa bem amarelinha.*

(41) ? *A Maria fez com que a casa ficasse bem amarelinha pintando-a.*

(42) *A Maria fez com que a casa ficasse pintada, e esse pintado foi bem amarelinho.*

(43) *Ele cortou o cabelo curto.*

(44) ? *Ele fez com que o cabelo ficasse curto cortando-o.*

(45) *Ele fez com que o cabelo ficasse cortado, e esse cortado foi curto.*

A partir desses dados, diremos que o inglês produz uma estrutura sentencial que, por algum motivo, não é possível em PB. Ao produto dessa estrutura (a construção resultativa) daremos o nome de “estado resultante causado por ação com instrumento ou modo incorporado”.

Para determinar a estrutura das resultativas, porém, ainda precisamos deixar claro como se dá a relação entre o *critério resultativo* e as intuições que nos levaram a concebê-lo. Nas próximas seções, trataremos de duas análises semânticas que explicitam, cada uma sob um ponto de vista teórico distinto, a natureza da relação entre a formação de construções resultativas e a expressão sintática de eventos.

1.3.4. Propriedades semânticas das resultativas: motivando o critério resultativo

1.3.4.1. A modificação de eventos (PARSONS 1990): as resultative tags

Numa tentativa de explicitar a estrutura de significação de sentenças das línguas naturais, Parsons (1990) propõe uma análise que ele chama de neo-Davidsoniana. O autor diz que para todas as sentenças, existe uma quantificação existencial sobre eventos. Assim, ele propõe que essa quantificação que, segundo ele, costuma ser subentendida, seja explicitada dentro de sua teoria, e esteja presente, operando tanto sobre eventos quanto sobre estados.

Por se aprofundar mais na descrição das formas lógicas das sentenças, sua teoria é chamada de *subatômica*, pois se decompõe além das unidades consideradas mínimas nas teorias semânticas que o precedem, além de demonstrar diferenças em modificação adverbial que outras teorias não conseguem capturar, devido à sua falta de detalhamento.

Graças à distinção entre eventos e estados, o trabalho de Parsons, dentre outras coisas, faz uma distinção interessante, que ajuda a determinar se uma sentença com um predicado secundário pode ou não ser considerada resultativa; para o autor, existe uma diferença de representação entre sentenças causativas que possuem modificadores de estado resultante (46) e sentenças transitivas que possuem aquilo que o autor chama de *resultative tags* ((48),

abaixo). Ele explicita essa distinção através das formas lógicas para cada um desses tipos de sentenças:

(46) *x closes the door tight*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, x) \ \& \ (\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Theme}(e', \text{door}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Being-closed}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{door}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s) \ \& \ \text{Being-tight}(s)]]]$

(PARSONS, 1990, p.121)

Em (46), a ação que o verbo *close* denota tem como um estado resultante (mas não “resultativo”) *being-closed*, enquanto o estado *being-tight* é um modificador desse estado resultante, ou seja, descreve mais detalhadamente o estado *being-closed*. Uma paráfrase para (46), segundo Parsons, seria algo como (47):

(47) *x CAUSES the door to BECOME tightly closed (or “closed tight”)*
‘x CAUSA a porta a TORNAR-SE “apertadamente” fechada (ou
“fechada apertada”’

Desse modo, adjetivos que modificam estados resultantes seriam meros adjuntos, assim como advérbios, aqueles sendo diferente destes apenas por uma questão morfológica (como o sufixo adverbial *-ly*, do inglês, por exemplo). Adjetivos que denotam o estado resultante, porém, teriam uma forma lógica como (48):

(48) *x hammered the metal flat*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, x) \ \& \ \text{Hammering}(e) \ \& \ \text{Theme}(e, \text{metal}) \ \&$

$(\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Theme}(e', \text{metal}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Being-flat}(s) \ \&$

$\text{Theme}(s, \text{metal}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s)]]$

(PARSONS, 1990, p.122)

Nessa forma lógica, o predicado secundário *flat* denota o estado que resulta da relação CAUSE entre o evento *e* sobre o evento *e'*, cujo tema é *metal*. Ou seja, o *metal* só chega ao estado *flat* (daí a necessidade da relação evidenciada pelo operador BECOME) pela ação do verbo, assim como postulamos em nosso *critério resultativo*.

Aliás, sabemos que, se uma sentença pode ser representada por essa forma lógica, vários dos requisitos do nosso *critério* são satisfeitos: o item (i), pois o estado *being-flat* é um estado resultante; o item (ii), pois o objeto *metal* é argumento de *being-flat* baseado na relação BECOME; o item (iv), pois há um “agente”; o item (v), pela relação CAUSE. Em (48), o verbo utilizado (*hammer*) é transitivo. Mas e os outros verbos com os quais ocorrem resultativas? Aparentemente, os dados do inglês com verbos inergativos são compatíveis com essa forma lógica, como podemos ver em (49); mas, e uma sentença como (11), repetida aqui em (50) (abaixo)?

Levin & Rappaport-Hovav (1995, p. 55) afirmam que “se o XP resultativo é adicionado a um verbo que já é um *achievement* ou um *accomplishment*, então [...] ele só pode ser interpretado como especificando uma mudança de estado já codificada”. De fato, verbos inacusativos denotam inerentemente uma mudança de estado e, conseqüentemente, já são delimitados. Se estes verbos já são delimitados, já trazem um estado resultante, o que nos faz postular que a forma lógica de modificador de estado resultante é a mais adequada para representar uma sentença como (50), como podemos ver abaixo (51):

(49) *She laughed him out of his patience.*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{she}) \ \& \ \text{Laughing}(e) \ \& \ \text{Theme}(e, \text{him}) \ \& \ (\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Theme}(e', \text{him}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Being-out of one's patience}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{him}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s)]]]$

(50) *The bottle broke open.*

(51) *The bottle broke open.*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ (\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Theme}(e', \text{bottle}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Being-broken}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{bottle}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s) \ \& \ \text{Being-open}(s)]]]$

Como podemos ver, a formação de resultativas mostra uma colaboração semântica do predicado resultativo à sentença, tanto na definição do estado resultante, quanto na delimitação do evento. Ou seja, os predicados resultativos são responsáveis pela delimitação do evento denotado pela ação verbal, e do qual denotam o estado resultante da ação.

A partir da forma lógica em (51), afirmaremos que nenhum dos dados com verbos inacusativos apontados como construção resultativa pode ser considerado como representante da construção resultativa, pois: (i) já são delimitados, e (ii) denotam um estado resultante independentemente do predicado secundário, fatos que violam nosso *critério resultativo*.

Com argumentos semânticos que garantem a impossibilidade de formação de resultativas com verbos inacusativos, temos um forte argumento para nossa análise sintática. No capítulo 3, derivaremos a impossibilidade de formar resultativas com esse tipo de verbo a partir da estrutura argumental da qual as resultativas são formadas. Mostraremos que há uma espécie de “competição”, na qual, se um verbo inacusativo é formado, a formação de um predicado complexo resultativo é bloqueada, e vice-versa.

Se nossa intuição sobre a semântica das resultativas estiver correta, a restrição sintática que iremos propor para os verbos inacusativos se segue naturalmente, como se esperaria. Antes de avançarmos para a análise sintática, porém, passaremos para a análise semântica a seguir, onde observamos as resultativas a partir de outro ponto de vista teórico. Esse novo ponto de vista nos dará um argumento importante para sugerir uma análise comparativa entre inglês e PB quanto à formação de resultativas a partir de uma analogia com sentenças de verbos de movimento.

1.3.4.2. Como se expressam modo e ‘resultado’ no inglês e no PB? Adaptando a proposta de verbos de movimento de Talmy (2000) às construções resultativas

1.3.4.2.1. Talmy (2000): verbos de movimento e a distinção entre línguas emolduradas nos satélites versus línguas emolduradas nos verbos

Talmy (2000) reúne, em dois volumes, praticamente todos os trabalhos já publicados pelo autor, numa tentativa de contribuir para o desenvolvimento de uma das áreas da Linguística Cognitiva – a Semântica Cognitiva. A Linguística Cognitiva tem como ponto fundamental desvendar como se dá a organização conceitual da linguagem. De acordo com Talmy, existem três perspectivas de abordagem da linguagem (deixando de lado fenômenos da fonologia, porém):

(52) *Perspectivas de abordagem da linguagem, segundo Talmy (2000):*

- (i) **A abordagem formal:** determinada por padrões estruturais, autônomos de qualquer significado associado, a abordagem formal tem como objeto de

estudo ciências como a *morfologia*, *sintaxe*, e *estrutura lexical*. Um exemplo de abordagem formal seria o *Gerativismo*. Segundo Talmy, o mais próximo que o Gerativismo chega de uma tentativa de relação com uma abordagem conceitual é a *Semântica Formal*. Problemas dessa abordagem: deixa de lado questões de organização conceitual da linguagem.

- (ii) **A abordagem psicológica:** observa a linguagem pelas perspectivas da *percepção*, *memória*, *atenção* e *raciocínio*. Problemas dessa abordagem: não trata suficientemente dos tipos de categorias estruturais que são considerados por uma abordagem conceitual, além de também desconsiderar o sistema global de integração das estruturas esquemáticas com as quais a linguagem organiza o conteúdo conceitual que expressa.
- (iii) **A abordagem conceitual:** observa os padrões e processos pelos quais o conteúdo conceitual é organizado na linguagem. Ou seja, a abordagem conceitual tem como objetivo descrever como a linguagem estrutura o conteúdo conceitual, observando as propriedades formais das línguas por uma perspectiva conceitual, e relacionando os fenômenos conceituais às estruturas psicológicas.

Para o autor, a abordagem conceitual, representada pela *Linguística Cognitiva*, é a mais adequada para seu objetivo, que é construir uma teoria de *Semântica Cognitiva*. Talmy diz que a linguagem é estruturada em dois subsistemas: *gramatical* e *lexical*. Cada um desses sistemas apresenta diferentes funções semânticas. Desse modo, uma sentença evoca num ouvinte uma *representação cognitiva*, e os sistemas lexical e gramatical especificam porções distintas de uma representação cognitiva. Enquanto o sistema gramatical, em sua maior parte,

determina a estrutura da representação cognitiva, o sistema lexical contribui, em sua maior parte, para o conteúdo dessa mesma representação.

Ou seja, a representação cognitiva seria formada a partir de um “molde conceitual” (o sistema lexical) sobre um “esqueleto estrutural” (o sistema gramatical). Assim, gramática nada mais é, segundo ele, do que aquilo que determina a estrutura conceitual dentro de uma língua. Quando comparando várias línguas, é perceptível que os elementos gramaticais sejam responsáveis por especificar determinados conjuntos de conceitos. É a partir da comparação desses conjuntos de conceitos que Talmy esquematiza a organização de sua teoria.

Nosso interesse na proposta de Talmy diz respeito aos estudos desses conjuntos de conceitos e como eles se agrupam. O autor propõe que existam relações entre significado (que aqui chamaremos de traços semânticos¹²) e aquilo que Talmy chama de “expressão de superfície”, ou seja, formas lingüísticas pronunciadas. Traços semânticos como ‘Movimento’, ‘Direcionalidade’, ‘Figura’, ‘Fundo’, ‘Modo’ e ‘Causa’¹³ seriam, portanto, realizados por “elementos de superfície” como verbos, adposições, orações subordinadas, e aquilo que o autor chama de *satélite*¹⁴.

Buscando descrever as relações entre essas entidades, o autor passa, então, a analisar sentenças com verbos de movimento. As sentenças que ele escolhe denotam dois eventos distintos, supostamente. Talmy os chama de *macro-eventos*. Os macro-eventos são sempre divididos em duas partes: (i) os *framing events* (*eventos-moldura*, ou *eventos principais*) e (ii) os *co-eventos*. Esses macro-eventos são representados na superfície (sintaticamente) por aquilo que Talmy chama de uma “sentença básica complexa”. Ou seja, nessas sentenças, o

¹² Cabe ressaltar que o sentido em que empregamos a palavra *traço* quando falamos do trabalho de Talmy, não nos referimos ao conceito de traços formais, oriundo da tradição da Gramática Gerativa. *Traço*, nestas seções do trabalho, deve ser entendido apenas como “propriedade”.

¹³ Traduzidos do inglês ‘*Motion*’, ‘*Path*’, ‘*Figure*’, ‘*Ground*’, ‘*Manner*’ e ‘*Cause*’, respectivamente. (TALMY, 2000, vol.2, p.21)

¹⁴ Segundo Talmy (2000), *satélite* (abreviatura de “*satélite para o verbo*”) é um elemento de qualquer categoria que não seja um NP ou PP complemento do verbo, e que esteja em relação de irmandade com a raiz verbal. Satélites podem ser tanto afixos quanto palavras livres. Existem outros tipos de satélites, porém, como orações adjuntas (inclusive gerundivas), que seriam de tipo diferente dos satélites tradicionais.

evento principal (*framing event*) seria o evento de figura, enquanto o co-evento seria o evento de fundo, mantendo uma relação com o anterior.

Talmy (2000) alerta para o fato de que nem sempre existe uma relação unívoca entre os elementos semânticos e os elementos de superfície. Diferentes elementos semânticos podem ser realizados por um mesmo elemento de superfície e vice-versa.

Assim, ele se concentra na busca de universais semânticos, a partir da observação das manifestações de um tipo de elemento de superfície de classe aberta (o verbo), e um elemento de superfície de classe fechada (o satélite). Para Talmy (2000), são três os processos possíveis para a associação entre significado e formas de superfície: (i) lexicalização, (ii) apagamento (ou realização nula), e (iii) interpretação. O autor propõe então a análise do primeiro processo nos elementos de superfície. Segundo ele, lexicalização é a associação regular entre um determinado elemento semântico (ou um conjunto deles) e um elemento de superfície.

Assim, uma sentença com verbo de movimento em inglês poderia ter um evento principal com um traço de ‘Movimento’, dividido entre “movimento” e “locação”, enquanto o co-evento poderia tanto denotar um co-evento de ‘Modo’ ou de ‘Causa’:

(53)	<i>Modo</i>	<i>Causa</i>
<i>Movimento</i>	<i>The pencil rolled off the table</i> ‘O lápis caiu da mesa rolando’	<i>The pencil blew off the table.</i> ‘O lápis caiu da mesa com um sopro’
<i>Locação</i>	<i>The pencil lay on the table</i> ‘O lápis ficou apoiado sobre a mesa’	<i>The pencil stuck on the table (after I glued it).</i> ‘O lápis ficou grudado na mesa (após eu colá-lo)’

(TALMY, 2000, vol.2, p. 26, tradução nossa)

Observando os dados acima, vemos que em uma língua como o inglês, o verbo expressa tanto a traço semântico ‘Movimento’ quanto o co-evento, representado geralmente pelo traço ‘Modo’ ou pelo traço ‘Causa’. Para o autor, esse tipo de amálgama ocorre nas seguintes línguas: indo-européias (com exceção das línguas românicas derivadas do latim), fino-húngaras, chinês, ojibwa, e warlpiri. Eis abaixo um esquema feito por Talmy para o inglês, uma das línguas que permitem esse tipo de *amálgama* (*conflation*):

(54) *Macro-evento de movimento em inglês*

Talmy (2000, vol.2, p. 28, tradução nossa)

No caso das línguas românicas, por exemplo, a direcionalidade tende a aparecer lexicalizada no verbo, e o modo é representado no co-evento. Já no caso de línguas como o inglês, o

fenômeno é inverso; o modo é realizado no verbo, enquanto a direcionalidade é expressa por um *satélite*:

(55) *Macro-evento de movimento em espanhol*

Talmy (2000, vol.2, p. 49, tradução nossa)

Note que, enquanto em (54) o amálgama (representado pelas linhas que ligam os traços semânticos à raiz verbal) é entre *movimento* e *co-evento*, em (55) o amálgama é entre *movimento* e *direcionalidade*.

Dada essa generalização, Talmy propõe um *padrão de lexicalização*, separando línguas que seriam emolduradas (*framed*) pelos satélites (*e.g.*: inglês), e línguas que seriam emolduradas pelos verbos (*e.g.*: espanhol). Assim, em línguas como o inglês o modo seria expresso por meio de amálgama à raiz verbal, e direcionalidade seria expressa por meio de partículas, ou *satélites*. Já o espanhol teria direcionalidade amalgamada (*conflated*) à raiz verbal. Assim, a tradução mais natural de (56), para os falantes de espanhol, seria (57) (Adaptado de TALMY 2000, vol. 2, p. 49):

Em inglês, o modo pode estar amalgamado à raiz verbal, como em *float*, e sua direcionalidade é expressa pelo satélite *into the cave*. No verbo do espanhol *entró*, por outro lado, há um amálgama de direcionalidade ao movimento. Para expressar o modo do movimento em espanhol (inerente em *float*, no caso do inglês), é necessário acrescentar um adjunto gerundivo como modificador (como *flotando*) à sentença, como única alternativa para manifestar o traço de modo na superfície nesse tipo de sentença do espanhol.

1.3.4.2.2. Relacionando a análise de verbos de movimento às construções resultativas: os macro-eventos, eventos-moldura e as relações de suporte

Além das sentenças de movimento, os macro-eventos têm uma estrutura mais geral, como já mencionamos na seção anterior. Macro-eventos integram conceitualmente, em uma única sentença, um evento complexo, composto por um co-evento, um evento-moldura e uma relação de suporte.

(58) *Estrutura conceitual do macro-evento*

[[Corrente Agente-causal]]	[Evento] _{evento-moldura}	←Relação de Suporte	[evento] _{co-evento}
	Movimento		Percurso
	Contorno temporal		Capacidade
	Mudança de estado		Causa
	Correlação de ações		Modo
	Realização		Subseqüência
	(...)		Constituição
			(...)

Talmy (2000, vol.2, p. 221, tradução nossa)

O evento-moldura, por sua vez, tem uma estrutura interna complexa, composta por quatro componentes, conforme o esquema abaixo:

(59) *Estrutura conceitual do evento-moldura*

Talmy (2000, vol.2, p. 221, tradução nossa)

Para Talmy, línguas emolduradas pelos satélites (línguas indo-européias, [exceto as línguas românicas], fino-húngaras, chinês, ojibwa, e warlpiri) possuem um mapeamento sintático distinto de línguas emolduradas pelo verbo (línguas românicas, semíticas, japonês, tâmil, línguas da polinésia, bantu, algumas línguas maya, nez perce e caddo). Os esquemas de amálgama ao verbo em cada uma dessas línguas, segundo o autor, seriam os seguintes:

(60) *Mapeamento sintático de macro-evento em línguas emolduradas pelo verbo*

Talmy (2000, vol.2, p. 223, tradução nossa)

(61) *Mapeamento sintático de macro-evento em línguas emolduradas pelos satélites*

Talmy (2000, vol.2, p. 223, tradução nossa)

Dentro das categorias realizáveis no evento-moldura, a que nos interessa mais é a categoria *mudança de estado*. Talmy (2000) diz que a categoria *mudança de estado* apresenta a mesma distinção entre co-eventos e relações de suporte que a categoria *movimento*. Ou seja, a distinção tipológica entre inglês (língua emoldurada pelos satélites) e PB (língua emoldurada pelo verbo) se mantém quando esse traço semântico é manifestado no evento principal (evento-moldura).

No caso do inglês, de maneira semelhante à Regra de Ligação de Mudança de Estado de Levin & Rappaport-Hovav (1995, Cf. seção 1.2.2, acima), se o evento-moldura manifesta o traço mudança de estado em inglês, é obrigatório que haja uma mudança de estado, e a relação de suporte entre o evento-moldura e o co-evento apresenta o traço semântico de *causa* ou *modo*. Talmy (2000) diz também que um agente é sempre necessário nesse tipo de sentença, pois ele é o responsável pelo início de uma corrente causal de eventos que culmina no evento de mudança de estado.

As “construções resultativas”, de acordo com o autor, seriam um subgrupo de ocorrências dentro da categoria de mudança de estado. Porém, uma sentença de mudança de estado só é considerada uma resultativa se conceitualmente unida a uma causa, o que nos leva

a ligar a proposta de Talmy ao nosso *critério resultativo*. O mapeamento em (60) garante que (a) haja um *evento-moldura* de mudança de estado (item (ii) do *critério*); (b) a natureza de línguas emolduradas pelos satélites faça com que o satélite denote a mudança de estado (item (iii)); (c) haja a presença de um agente, dada sua obrigatoriedade nas relações causativas (item (iv)); (d) a *relação de suporte*, dada a analogia com os verbos de movimento, seja de *causa* (item (v)), ou *modo* (item (vi)).

Uma representação simplificada do que ocorre nas resultativas, de maneira análoga a representação que fizemos para sentenças com verbos de movimento em (57), acima, seria mais ou menos a seguinte ((62), (63), abaixo)¹⁵:

John flattened/caused the metal to become flat by hammering it.

‘João achatou/deixou o metal achatado martelando-o.’

¹⁵ Em nossa proposta de análise sintática para as resultativas (cf. capítulo 3), diremos que a causa é representada fora do verbo, ou seja, por um nó verbal (V_1), que denota causatividade. Não discutiremos como se resolveriam questões de linearização nestes casos, deixando a discussão em aberto para trabalhos posteriores.

John caused the house to become yellow by painting it.

‘John amarelou/ fez a casa ficar amarela pintando-a’

1.4. Conclusões parciais: o que podemos chamar de construções resultativas

Até aqui, observamos as propriedades que caracterizam uma construção resultativa em línguas como o inglês. Com base na observação dos trabalhos de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995), destacamos suas propriedades sintáticas e semânticas. Apoiando-nos em algumas dessas propriedades, formulamos o nosso *critério resultativo*.

Acreditamos que o *critério resultativo* pode ser tomado como ponto de partida para definirmos o que é uma construção resultativa, e, caso uma sentença não satisfaça qualquer uma de suas condições, não será considerada como tal.

A partir do trabalho de Parsons (1990), vimos que nem todos os predicados secundários podem ser considerados construções resultativas, além do fato de que resultativas não ocorrem com verbos inacusativos, como Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995) afirmam. O trabalho de Talmy (2000) nos apresenta diferenças de representação sintática entre estruturas conceituais dependendo do grupo tipológico em que uma

determinada língua se encontra, e essa tipologia mostra que PB e inglês se enquadram em *frames* distintos. Essa observação nos conduz à nossa hipótese de trabalho, pois acreditamos que a ausência de construções resultativas em PB é devido a essa diferença tipológica.

No próximo capítulo, introduziremos as análises do PB que defendem a existência de construções resultativas nessa língua, e, observando os dados dessas análises, mostraremos que PB não é capaz de se adequar ao *critério resultativo*, devido a divergências empíricas e teóricas. Na nossa análise para os dados do PB, aplicaremos tanto a análise de Parsons (1990) quanto a tipologia de Talmy (2000), distinguindo inglês e PB quanto à realização de modo e estado resultante no evento principal. Apresentaremos argumentos teóricos e empíricos em favor de nossa proposta, e no capítulo 3, apresentaremos uma análise sintática que derive a impossibilidade de formação de predicados complexos (que formam resultativas) em PB como consequência da marcação negativa do *Parâmetro de Composicionalidade* (SNYDER, 1995) nessa língua.

2. Afinal, existem ou não existem resultativas no PB?

É de longa data a discussão na lingüística brasileira quanto à equivalência entre sentenças do PB e as construções resultativas típicas do inglês. Bisol (1972) foi a primeira a identificar dados que chamam a atenção de quem defende a existência de resultativas em PB, e que, no conjunto de dados de seu trabalho, faziam parte de um grupo pertencente àquilo que a autora chamava de *Estrutura V*.

Desde então, alguns trabalhos sobre o PB debatem a existência das construções resultativas nessa língua, sempre apontando um fato curioso que diferencia as “resultativas do PB” das demais resultativas: a *produtividade*. Por que, embora alguns dados do PB cheguem a apresentar uma semelhança sintática e semântica aos dados de línguas como o inglês, sempre há o empecilho da produtividade para que se possa realmente aceitar os dados do PB como equivalentes às resultativas “tradicionais”.

A seguir, vejamos os trabalhos sobre o PB que defendem a existência de uma construção resultativa nessa língua.

2.1. Propostas de análise de resultativas no PB

2.1.1. Os predicados secundários resultativos: Foltran 1999

O trabalho de Foltran (1999) faz uma análise detalhada dos predicados secundários no PB. Esse foi o primeiro trabalho a explicitar a possibilidade de ocorrência de construções resultativas nessa língua, e não chega a ser um tratado sobre o assunto, apesar de tirar

conclusões interessantes sobre o fenômeno em questão¹⁶. Fazendo uma comparação com os dados de Hoekstra (1992), Foltran afirma que, se existem construções resultativas no PB, elas têm uma forte restrição, pois a sua ocorrência se mostra limitada em produtividade.

Os predicados secundários em (64) são, para a autora, incapazes de modificar as propriedades aspectuais do predicado primário (verbo + objeto), e seriam, portanto, um tipo de construção não-canônica, e que “não decorrem de uma regra produtiva na nossa gramática” (FOLTRAN, 1999, p. 192). Eis alguns dados mencionados como construção resultativa pela autora:

- (64)
- a. *Ela cortou o cabelo curto.*
 - b. *Ela costurou a saia justa.*
 - c. *Ele fez o chá fraco.*
 - d. *Ele construiu a casa muito grande.*
 - e. *Ele desenhou o círculo torto.*
 - f. *Ele fabricou a cadeira torta.*
 - g. *Ele cortou o pão em fatias.*
 - h. *Ela bateu as claras em neve.*
 - i. *Ele pintou a parede de branco.*
 - j. *Eles elegeram Paulo presidente da Fábrica.*

(FOLTRAN, 1999, p.190)

Foltran nota que nenhum desses verbos denota atividades, e que a retirada dos predicados secundários das sentenças acima não causa nenhuma alteração na delimitação desses predicados. Ou seja, eles continuam sendo eventos limitados e *accomplishments*. Além disso,

¹⁶ Ressaltamos que o trabalho de Bisol (1972) não denomina as sentenças deste tipo como resultativa, apesar de apontá-las como uma construção específica. Assim sendo, Foltran (1999) seria, na verdade, a primeira autora na literatura a mencionar uma possível relação entre esse tipo de sentença e as construções resultativas do inglês.

sintaticamente, essas sentenças não se distinguem de outras construções predicativas adjuntas, em que o sintagma verbal é modificado por predicação secundária.

Aqui, vemos a principal diferença entre as propostas de definição de construções resultativas em inglês e PB, já que para Hoekstra e Levin & Rappaport-Hovav os predicados resultativos são os responsáveis por delimitar a ação descrita pelo verbo, e transformar atividades (ou processos) em *accomplishments*.

2.1.2. Marcelino (2000): As construções resultativas em português e em inglês: uma nova análise

A proposta de Marcelino (2000) para as resultativas do PB é contrária à hipótese defendida por Hoekstra (1988) para o inglês e o holandês. Para o autor, a resultatividade em PB é expressa por meio de predicação secundária, mas nunca por meio de uma SC complemento, argumento compatível com a proposta de Levin & Rappaport-Hovav (1995).

A proposta do autor diverge da proposta de Hoekstra no tratamento sintático dos dados do PB, pois afirma que as resultativas não são complementos de V. Apesar de sua análise apresentar grande semelhança à de Hoekstra (1988) quanto à tipologia de verbos que podem ter resultativas a eles associados, Marcelino (2000) diz que a maior ocorrência de resultativas no PB se dá com os verbos transitivos, apesar de, em PB, resultativas serem formadas com os três tipos de verbos mencionados por Hoekstra (Cf. seção 1.2.1).

Para Marcelino, só é possível obter construções resultativas em PB quando há um núcleo aspectual (chamado por ele de AspP), realizado por meio de um advérbio (65), ou morfológicamente, por meio de um sufixo modalizador que denota o efeito causado no objeto

(66). Em casos como verbos inergativos, por exemplo, a resultatividade se manifesta por um PP adjunto, que Marcelino chama de *até clause*, uma oração adjunto que denota o resultado da ação verbal (67):

(65) *A cozinheira bateu [o bife **bem** batidinho].*

(66) *Joana picou o [papel bem picadinho].*

(MARCELINO, 2000, p.53)

(67) *Ele andou [**até** gastar os sapatos].*

(MARCELINO, 2000, p.2)

Segundo o autor, a possibilidade de ocorrência de construções resultativas com verbos pseudotransitivos e inergativos (HOEKSTRA, 1988) em inglês se dá pela possibilidade de incorporação (CHOMSKY, 1975, apud MARCELINO, 2000) do predicado resultativo, que Marcelino chama de PRED, ao V, formando um complexo transitivo. Este, por sua vez, seleciona um DP. Já para o PB, Marcelino afirma que essas construções não são licenciadas, e que não podem ser traduzidas literalmente.

Em suma, Marcelino (2000) afirma que resultativas em PB não tem uma estrutura uniforme; verbos inergativos não teriam uma estrutura resultativa, e verbos transitivos poderiam apresentar restrições quanto à seleção de AspP, licenciador das resultativas em PB. Vale a pena lembrar que a estrutura do inglês é uniforme para qualquer tipo de verbo nas análises de Hoekstra (1988) e de Levin & Rappaport-Hovav (1995).

2.1.3. Lobato (2004): Afinal, existe a construção resultativa em português?

Lobato (2004) servirá como ponto maior de comparação para as discussões apresentadas nesta dissertação, pois faz uma análise semântica detalhada de sentenças como (68), além de apresentar um maior número de dados e fazer as afirmações mais contundentes a favor das resultativas dentre todos os trabalhos sobre o PB até aqui mencionados. A autora aponta três características cruciais para considerar as sentenças abaixo como representantes da construção resultativa no PB: (i) presença de um predicado secundário do objeto, (ii) atribuição de nova propriedade do objeto, por efeito da ação verbal, expresso pelo predicado secundário, e (iii) interpretação do evento como *accomplishment*¹⁷.

- (68) a. *O engenheiro construiu a ponte bem sólida.*
 b. *Deus criou os homens fracos, fracos.*
 c. *João construiu a casa muito grande.*
 d. *Ele fabricou a cadeira bem torta.*
 e. *João pintou a casa bem amarelinha.*
 f. *O rio congelou solidíssimo / bem sólido / sólido, sólido.*
 (*O rio congelou sólido).¹⁸
 g. *A manteiga congelou torta.*

(LOBATO, 2004, pp.152-168)

¹⁷ Lobato (2004) utiliza a expressão *processo culminado* ao invés de *accomplishment* em seu texto. Decidimos manter a nomenclatura em inglês por razões de clareza, já que o termo *accomplishment* já foi introduzido e definido anteriormente no texto.

¹⁸ No inglês a sentença é gramatical, e “forma construção resultativa”: *The river froze solid.* (LOBATO, 2004, p.167). Lembrando que, de acordo com nossa análise, não existem resultativas formadas a partir de verbos inacusativos (Cf. seção 2.1).

Partindo do trabalho de Foltran (1999), principalmente da afirmação de que as resultativas do PB são formadas em sua maioria por verbos de criação, a autora propõe que os tipos de verbos que entram neste tipo de construção sejam os seguintes:

(69) *Tipos semânticos de verbos que permitem resultativas, segundo Lobato (2004):*

- (i) verbos de criação (*criar, construir*);
- (ii) verbos de criação com especificação lexical do meio de criação (*escrever, desenhar, pintar* [no sentido de criar imagem], *retratar*);
- (iii) verbos de ação sobre objeto preexistente com situação resultante (*cortar, costurar, pintar* [no sentido de colorir], *colocar, arrumar*);

De acordo com Lobato, o predicado secundário que aparece com esses verbos é sempre um adjetivo, e sua presença é o que permite que a sentença seja interpretada como *accomplishment*, pois, segundo a autora, esses predicados secundários delimitam a ação do verbo.

Para Lobato, esses predicados secundários formam construção resultativa se estiverem preferencialmente em uma forma “não-básica, superlativa” (LOBATO, 2004, p.155) na maioria dos casos, já que, segundo Lobato, são essas formas que carregam os traços lexicais que possibilitam a leitura resultativa. Sendo assim, qualquer das sentenças em (68) (acima) que permite o adjetivo em sua forma básica aceita também os mesmos adjetivos modificados em grau.

Quanto às restrições de ocorrência de resultativas em PB, Lobato afirma que verbos inergativos, inacusativos de estado e alguns verbos causativos não permitem leitura resultativa de seus predicados secundários. Já os verbos causativos só permitem resultativas em sua

leitura télica, ou seja, *accomplishment*. Para a autora, esse tipo de leitura só é possível com verbos de ação sobre objeto preexistente com ação resultante (70a-b), ou verbos de criação de indivíduo com propriedade resultante que projetam sentença com interpretação de *accomplishment* (70c), estes últimos não tendo interpretação causativa pura (LOBATO, 2004, p.172).

- (70) a. *O médico deixou o menino recalcado.*
 b. *A chuva tornou os campos molhados.*
 c. *Ela fez o chá fraco.*

(LOBATO, 2004, p.171)

Para Lobato, predicados resultativos preposicionados não são licenciados em PB com as preposições *de* e *até*, idéia contrária à proposta de Marcelino (2000). Porém, a autora afirma que a preposição *em* pode, em alguns casos, permitir a construção resultativa (71).

- (71) *O vaso partiu em mil pedaços.*

(LOBATO, 2004, p.175)

Porém, as sentenças com PP *em* abaixo não são consideradas resultativas:

- (72) a. *≠Ela bateu as claras em neve.*
 b. *≠Ela bateu a manteiga em creme.*
 c. *≠Ela cortou o pão em fatias.*

(LOBATO, 2004, p.174)

Essas sentenças não são consideradas resultativas por Lobato, devido ao fato de aceitarem interpretação de processo mesmo podendo expressar situação resultante. E para Lobato as resultativas se caracterizam por ter delimitação do evento (*accomplishment*). Assim, as sentenças abaixo só seriam resultativas com a inserção de um adjunto que mostra o caráter delimitado da ação:

- (73) a. *Ela bateu as claras em neve em 5 minutos.*
 b. *Ela bateu em creme as gemas com o açúcar em 2 minutos.*
 c. *Ela cortou o pão em fatias durante um minuto.*

(LOBATO, 2004, p.175)

Lobato propõe, então, que temos, de fato, construções resultativas em PB. Contudo, elas dependem de uma série de restrições quanto ao tipo de verbo e de predicado secundário que podem com elas ocorrer. Antes de prosseguirmos, porém, é necessário situar as diferenças cruciais de sua análise que devem ser apontadas em relação às análises do inglês.

Os pontos-chave da proposta de Lobato (2004) são os seguintes: (i) o evento descrito pelo verbo já é um *accomplishment* mesmo sem a presença do predicado secundário, salvo os casos de verbos inergativos, que a autora diz serem *achievements*¹⁹; (ii) não há obrigatoriedade de causatividade na sentença; (iii) o licenciamento das construções resultativas é dado pelo grau superlativo do adjetivo; (iv) não há resultativas com verbos inergativos em PB.

Até aqui, pudemos observar nas análises que defendem a existência de uma “construção resultativa” em PB que não há um consenso sobre o que é a resultatividade que essa “construção” denota, nem como se dá a codificação sintática do fenômeno em questão

¹⁹ Outro tipo aspectual de Vendler (1967). Um *achievement* é caracterizado por uma mudança de estado instantânea, e, assim como um *accomplishment*, possui um ponto final da ação definido.

em PB. Nos capítulos seguintes, tentaremos mostrar que, apesar de apresentarem algumas semelhanças superficiais à primeira vista, os dados acima mencionados, chamados de “construções resultativas do PB” se comportam de maneira bem distinta dos dados das resultativas do inglês. Mostraremos também que questões como o tipo de verbo que participa desse fenômeno sintático e inferências pragmáticas são fatores importantes para distinguir as resultativas genuínas do inglês dos predicados do PB, que representam, na verdade, outro fenômeno sintático.

2.2. *Problemas teóricos e empíricos: porque as construções resultativas do PB não parecem ser resultativas.*

Nesta parte de nosso trabalho, questionaremos a validade dos argumentos utilizados pelos autores que defendem a existência de construções resultativas em PB, a partir de alguns testes, questões teóricas das análises do PB em comparação às análises do inglês, e, principalmente, pela aplicação do *critério resultativo* aos dados do inglês e do PB. Tentaremos, também, mostrar que os dados do PB se enquadram na forma lógica de modificadores de estado resultante de Parsons (1990), e não na forma lógica de *resultative tags*. Partindo das diferenças a serem ressaltadas entre PB e inglês, nosso objetivo é reforçar empírica e teoricamente a distinção tipológica de Talmy (2000) apontada anteriormente (seção 1.3.4.2., acima), obtendo motivação para a nossa análise sintática, que utiliza a diferença entre línguas emolduradas pelo verbo e emolduradas pelos satélites como um de seus principais argumentos para a impossibilidade de formação de resultativas no PB.

2.2.1. Algumas questões teóricas e empíricas sobre as construções resultativas do PB

Algumas das questões que levantaremos nessa seção decorrem da observação e comparação das análises do PB e inglês mencionadas neste trabalho. Tentamos, ao longo da pesquisa, buscar testes sintáticos que corroborassem a diferença semântica entre os dados de PB e inglês, segundo nossa hipótese. O problema em utilizar esse tipo de teste nos dados de PB e inglês é que, em ambas as línguas, independentemente de formarem construção resultativa ou não, temos casos de predicação secundária. Assim, alguns de nossos “argumentos empíricos” são apenas o produto da aplicação de testes para o inglês sobre os dados do PB. Por outro lado, acreditamos que nossos argumentos são suficientemente convincentes para levarmos adiante a nossa hipótese de que não temos resultativas em PB.

Uma primeira evidência reside no fato de que construções resultativas genuínas exibem uma relação de acarretamento, não disponível nas sentenças supostamente equivalentes do PB. As sentenças (74) e (75) mostram implicaturas diferentes de (76) e (77):

(74) *John hammered the metal flat.*

→ *The metal was hammered.* (‘O metal foi martelado’)

→ *The metal got flat.* (‘O metal ficou achatado’)

→ *The metal was flattened.* (‘O metal foi achatado’)

(75) *Mary laughed Bill out of his patience.*

→ *Bill was laughed at.* (‘Riram de Bill’)

→ *Bill got out of his patience.* (‘Bill ficou “fora do sério”’)

→ *Bill was put out of his patience* (‘Bill foi “tirado do sério”’)

(76) *João pintou a casa bem amarelinha.*

→ *A casa foi pintada.*

→ *A casa ficou bem amarelinha.*

→ ??*A casa foi amarelada.*

(77) *Ele martelou o prego torto.*

→ *O prego foi martelado.*

→ *O prego ficou torto.*

→ ??*O prego foi entortado.*

Outra evidência que pode ser utilizada em favor da nossa hipótese tem base em um teste que aparece em Marantz (2005) e Harley (2007). Resultativas não são gramaticais quando postas em contexto de “re-afixation” (afixação de *re-*):

(78) **John re-hammered the metal flat.*

**John re-painted the house yellow.*

Já no PB, não há problemas quanto ao acréscimo de um prefixo como *re-*²⁰ aos verbos apontados por Lobato:

(79) *João re-pintou a casa bem amarelinha.*

Deus re-criou os homens fracos.

²⁰ Com exceção do verbo cortar, que com a adição desse prefixo passa a ser homófono de outro verbo, *recortar*. Diremos que não se trata de uma formação lexical, mas de duas raízes distintas $\sqrt{\text{CORT}}$ - e $\sqrt{\text{RECORT}}$.

Um teste que pode ajudar a esclarecer o problema acima mencionado é mostrado em Beck (2005), texto em que a autora discute os tipos de predicados que podem ocorrer com *again*. Segundo Beck, em línguas que admitem construções resultativas, sentenças com essas construções apresentam duas leituras possíveis, nas quais a modificação feita por *again* recai sobre diferentes constituintes.

Se essa afirmação estiver correta, as sentenças em (81) deveriam ter duas leituras, assim como as sentenças em (80), para que fosse possível defender a existência de construções resultativas em PB. Porém, temos aqui mais uma evidência de que o que vem sendo chamado de construção resultativa no PB não é equivalente ao fenômeno visto em inglês, por exemplo. Em PB, é impossível obter aquilo que Beck chama de “leitura restitutiva”²¹ (81c), enquanto no inglês (80c) essa leitura é facilmente obtida, presumindo a possibilidade de formação de resultativas.

- (80) a. *Sally hammered the metal flat again.*
 b. *Sally hammered the metal flat, and the metal had been hammered flat before.*
 (repetitiva)
 c. *Sally hammered the metal flat, and the metal had been flat before.*
 (restitutiva)
- (81) a. *João pintou a casa bem amarelinha novamente.*
 b. *João pintou a casa bem amarelinha, e a casa já havia sido pintada bem amarelinha antes.*
 (repetitiva)
 c. *≠João pintou a casa bem amarelinha, e a casa já havia ficado amarela antes.*
 (restitutiva)

²¹ A leitura restitutiva é aquela em que o advérbio *again* tem escopo apenas sobre o estado resultante do evento (no caso, *flat*, em (80)), enquanto na leitura repositiva, o predicado secundário tem escopo sobre toda a sentença.

Uma questão teórica interessante a ser considerada é o fato de que, nas análises do inglês feitas por Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport Hovav (1995), os autores deixam bem claro que o verbo que forma construções resultativas é um verbo de atividade²², e que só se torna um *accomplishment* na presença do predicado secundário resultativo. Já Lobato (2004) diz que em PB, os verbos que licenciam a construção são de determinados tipos semânticos, dentre eles verbos de criação. Observemos o esquema abaixo:

Inglês (HOEKSTRA; 1988), (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV; 1995):

- Verbos de Atividade.

PB (LOBATO; 2004):

- Verbos de Criação;
- Verbos de Criação com especificação lexical do modo de criação;
- Verbos de ação sobre objeto preexistente com situação resultante.

Enquanto as análises do inglês fazem uma classificação verbal com base em um critério puramente aspectual, Lobato propõe que outros fatores semânticos mais específicos estejam em jogo. Seria possível aceitarmos a classificação que Lobato propõe para as resultativas do PB. Porém, no caso do inglês, os verbos que Lobato defende como formadores de resultativas são exatamente os que não formam resultativas em inglês, como diz Hoekstra:

²² Com exceção da análise de Levin & Rappaport-Hovav (1995), em que resultativas com inacusativos vêm de *accomplishments*. Deixaremos esses tipos verbais de lado, considerando nossa hipótese de que resultativas com esses verbos são, de fato, sentenças com modificador de estado resultante, conforme mostramos na seção 1.3.4.1.

²³Por exemplo, o verbo *paint* pode selecionar tanto um objeto afetado quanto um objeto criado em uma construção simples V NP (Cf. a ambiguidade de “John paints a house”), mas na construção com SC [complemento²⁴] o NP pós-verbal é necessariamente interpretado como um objeto afetado, i.e., uma expressão que se refere a uma entidade que existe independentemente do verbo ao invés de vir à existência através da ação.

(HOEKSTRA 1988; p.117)

Outro fato importante é que, apesar da proposta de Lobato para o PB dizer que as resultativas transformam atividades em *accomplishments*, parece que isso não é tão simples quanto se propõe. Observe que, em inglês, enquanto o predicado resultativo impede uma leitura de atividade, possibilitando apenas uma leitura de *accomplishment* (82), no PB, o predicado secundário não causa esse tipo de alteração; nessa língua, verbos que sem as resultativas são *accomplishments* continuam *accomplishments* (83a-d):

- (82) a. *John painted the house (in one hour/for one hour).*
 b. *John painted the house yellow (in one hour/*for one hour).*
- (83) a. *João pintou a casa (em uma hora/*por uma hora).*
 b. *João pintou a casa bem amarelinha (em uma hora/*por uma hora)*²⁵.
 c. *Ela cortou o cabelo (em uma hora/*por uma hora).*
 d. *Ela cortou o cabelo curto (em uma hora/*por uma hora).*

²³ Tradução e itálico nossos.

²⁴ Lembrando que para Hoekstra (1988), as construções resultativas são SCs complemento do verbo. (nota nossa)

²⁵ Já para o PB, existe também certa variação de julgamentos em (83b). Acreditamos que isso se dê pelo fato de que esses adjuntos talvez influenciem a carga aspectual da sentença, e o adjunto seja um elemento decisivo na interpretação do aspecto dessas sentenças. Talvez seja necessário reformular esse teste para determinar sua validade. Ainda assim, cabe ressaltar que alguns falantes aceitam (83b) nas leituras acima indicadas.

Existe uma variação quanto à aceitabilidade dos julgamentos de (82b). Segundo David Embick (comunicação pessoal), uma frase como *John painted the house white for one hour, but the paint kept fading in the wall* (mas a tinta não pegava, continuava fraca na parede²⁶) é perfeitamente aceitável. Isso poderia colocar em xeque as afirmações de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995) quanto às propriedades aspectuais das resultativas, ou sentenças como (82b) não deveriam ser consideradas como exemplos de construções resultativas no inglês. Talvez o problema esteja na definição da classe aspectual *accomplishment*, cuja homogeneidade vem sendo questionada recentemente na literatura (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2007; SMITH, 1997), pelo fato de que delimitação não é a única propriedade relevante para definir o que é um *accomplishment*. O importante é observar que esse teste não é preciso. Por isso, deixaremos a discussão sobre as propriedades aspectuais das resultativas em PB e inglês para pesquisa futura.

Até aqui, os testes mostram que os dados do PB são um grande desafio para as análises que os comparam ao inglês, devido ao fato de que as propriedades típicas de uma construção resultativa “genuína” parecem não se aplicar àquilo que vem sendo chamado de “construção resultativa do PB”.

2.2.2. “Resultativas do PB” já possuem estado resultante

Observando a proposta de Lobato sobre a possibilidade de construções resultativas no PB, vimos que uma das propriedades escolhidas pela autora para caracterizar a ocorrência

²⁶ Talvez o problema na interpretação seja causado pela ambigüidade entre verbo de atividade e de criação que o verbo *paint* tende a apresentar, não só em inglês, mas em PB e em outras línguas, o que pode fazer com que a consideração de línguas como tendo resultativas com base nesta sentença, como o trabalho de Snyder (1995) seja posto em questão.

deste fenômeno, assim como nas resultativas do inglês, era a transformação de um evento não delimitado em um *accomplishment*, quando o sintagma resultativo é acrescentado à sentença. Porém, observando os dados de Lobato com atenção ((68) a (73), acima), podemos ver que, se construirmos sentenças paralelas às sentenças resultativas do PB propostas por Lobato, sem os predicados secundários (84), constataremos que essas novas sentenças, podem, por si só, veicular uma interpretação de *accomplishment*. Observe ainda, que continua sendo possível utilizar o teste de delimitação de evento com o adjunto *em x tempo* em todas as sentenças, o que mostra que todas elas possuem um ponto final da ação:

- (84) a. *O engenheiro construiu a ponte (em uma hora).*
 b. *Deus criou os homens (em uma hora).*
 c. *João construiu a casa (em uma hora).*
 d. *Ele fabricou a cadeira (em uma hora).*
 e. *João pintou a casa (em uma hora).*
 f. *Ela fez o chá (em uma hora).*
 g. *O rio congelou (em uma hora).*
 h. *A manteiga congelou (em uma hora).*
 i. *O vaso partiu (-se) (em alguns segundos).*

Partindo dessa observação, poderíamos hipotetizar que em PB o resultado da ação é expresso sem a necessidade de um predicado que indique um estado resultante, pois o estado resultante é lexicalmente especificado em *accomplishments*, segundo Levin & Rappaport-Hovav (1995) (Cf. seção 1.2.2). Para as autoras, além de casos como o da construção resultativa, é possível expressar uma estrutura interna complexa de *accomplishment* em verbos simples como *build*,

construct, destroy e kill. Nesses verbos, existe uma especificação lexical do estado resultante, mas a atividade que causa esse estado resultante não é igualmente especificada.

As autoras usam como exemplo o verbo *destroy*, argumentando que, apesar de existirem várias maneiras de destruir algo, não importa qual o modo como a ação é realizada. O que importa é que o resultado é sempre o de que aquilo que é destruído passa a não existir mais.

Assim sendo, dizemos que em PB os *accomplishments* não são causados pela adição do predicado resultativo, já que o estado resultante é inerente ao conteúdo semântico do verbo. Desse modo, a explicação para o fato de as sentenças em (84) aceitarem o modificador *em uma hora* decorre de que o NP complemento do verbo delimita o evento, como na proposta de Tenny (1987). Tenny diz que, no caso de *accomplishments*, o complemento é responsável pela delimitação, ou não, do evento denotado pelo verbo. Logo, (85) seria delimitado por trazer um objeto definido, e (86) não seria delimitado por trazer um objeto indefinido.

(85) O João comprou um carro (*por uma semana/em uma semana).

(86) O João comprou carros (por uma semana/*em uma semana²⁷).

Conforme mostramos nas análises do inglês no capítulo 1, os verbos que participam da verdadeira construção resultativa, no inglês, são geralmente verbos de atividade, que, devido ao acréscimo do sintagma resultativo, passam a ser interpretados como *accomplishments*. Também argumentamos que os verbos do PB são *accomplishments* lexicais, ou seja, eles são delimitados mesmo sem o predicado resultativo.

²⁷ A sentença com *em uma semana* é agramatical em sua leitura genérica, na qual *carros* é um NP existencial. Caso seja determinado um número de carros, o PP *em uma semana* é aceitável.

Pensando na definição dos tipos semânticos dos verbos que Lobato argumenta serem os participantes da construção resultativa – (i) verbos de criação (*criar, construir*), (ii) verbos de criação com especificação lexical do meio de criação (*escrever, desenhar, pintar* [no sentido de criar imagem], *retratar*); (iii) verbos de ação sobre objeto preexistente com situação resultante (*cortar, costurar, pintar* [no sentido de colorir], *colocar, arrumar*) – seria estranho dizer que uma forma lógica de *resultative tag* (88) fosse adequada para representar a semântica de um *accomplishment* “lexical” de um verbo como *cortar*, representante da classe (iii) ²⁸ de Lobato (87):

(87) *Ele cortou o cabelo curto.*

(88) $(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{Ele}) \ \& \ (\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Tema}(e', \text{cabelo}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Estar-cortado}(s) \ \& \ \text{Tema}(s, \text{cabelo}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s) \ \& \ \text{Estar-curto}(s)]]]$

A forma lógica de *resultative tag* aplicada a (87) não é correta porque *cortar* não é um verbo como *hammer*, que expressa um tipo de processo que resulta num estado, delimitado pelo adjetivo. O estado resultante *estar cortado* já está contido no sentido do verbo *cortar*, o que faz com que o adjetivo *curto* não seja crucial para delimitar a ação do verbo, ao contrário de *flat*, nas resultativas (Cf. (47), seção 2.1., acima). Por isso, uma forma lógica apropriada para (87) seria (88). Nela, a expressão *curto* modifica o estado *estar cortado*, já que o verbo e seu complemento delimitam o evento.

Como vimos, é possível dizer que em *Ele cortou o cabelo* há um resultado, e que o fato de que o predicado secundário *curto* pode ser retirado da sentença é expresso mais

²⁸ Cf. seção 2.1.3, acima.

acertadamente pela forma lógica de modificador de estado resultante (88). Nessa forma lógica, *curto* apenas especifica um estado relativo ao estado resultante.

(89) *Ele cortou o cabelo (em uma hora).*

No caso de verbos de criação, temos um problema ainda maior para dizer que a forma lógica de *resultative tag* é aplicável às sentenças do PB com esses verbos. Observemos um verbo de criação:

(90) *O engenheiro construiu a ponte sólida.*

(91) $(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{engenheiro}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, s) \ \& \\ (\exists s)[\text{Estar-construída}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{ponte}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{Estar-sólida}(s)]]$

Na sentença em (90), o verbo *construir* é, também, um *accomplishment* mesmo sem o predicado secundário *sólida*. Ou seja, uma forma lógica de *resultative tag* seria problemática para representar (90). O estado *Estar-sólida* não pode denotar o estado resultante da ação de construir, mas sim modifica o estado de *Estar-construída*, como em (91)

No caso de verbos de criação, a forma lógica seria diferente da forma lógica de um verbo como *cortar*, apesar de ambos serem *accomplishments*. Note que em (91) não existe uma relação entre o evento causador e o objeto afetado, como no requerimento de formação de resultativas apontado por Hoekstra (seção 2.1.2). Ou seja, o estado *Estar-construída* é um tipo de estado resultante diferente do estado resultante de uma *resultative tag*. *Estar-construída* não é um estado que decorre da ação do verbo sobre um objeto, mas um resultado da ação de criação em si.

Em outras palavras, o estado resultante de (91) é algo como “chegar a existir a partir da criação”. O predicado secundário *sólida*, como representado nessa forma lógica determina apenas uma característica que só pode ser atribuída quando a ponte já existe. Ou seja, para ser uma *ponte sólida*, ela precisa necessariamente ser previamente *uma ponte*. Ser *sólida* não é um atributo que indica o fim da ação de construir, nem o produto dessa ação. Caso contrário, a *ponte* só poderia estar pronta, ou *construída*, quando esta estivesse *sólida*.

O último tipo semântico dos verbos que Lobato (2004) diz permitirem resultativas é do tipo de *pintar* em (92). Esse verbo é ambíguo entre os tipos (ii) e (iii) (acima). Consideraremos apenas a leitura em que *pintar* seja um verbo de criação com especificação lexical do meio de criação (como um pintor fazendo a imagem de uma casa). Mais uma vez, mostrando a forma lógica em (93) vemos que o predicado secundário *bem amarelinha* só pode ser um modificador de estado resultante, mas nunca esse estado em si:

(92) *João pintou a casa bem amarelinha.*

(93) $(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{João}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, s) \ \& \ (\exists s)[\text{Estar-pintada}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{casa}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s) \ \& \ \text{Estar-bem amarelinha}(s)]]$

Como pudemos observar, em todas as sentenças que Lobato utiliza como representantes de construções resultativas no PB, o estado resultante da ação é expresso pelo complexo verbo+complemento, este último contribuindo para a delimitação do evento. O predicado secundário introduzido somente predica desse resultado, ou especifica a ação verbal em modo, por exemplo. Daí a necessidade dos dados de Lobato terem sempre uma modificação (de grau, em sua maioria), para licenciar a “construção resultativa do PB”. Isso porque a ação já traz um resultado amalgamado, e como modificadores de estado resultante, esses

predicados secundários precisam de certa ênfase, talvez pela necessidade de se destacar como informação não-redundante, já que o resultado já foi expresso.

Mais uma vez, vemos que o PB parece ser diferente do inglês no que diz respeito àquilo que o verbo expressa em seu conteúdo semântico. Observemos as sentenças que Lobato (2004) utiliza como prototípicas das resultativas no inglês:

(94) *Peter hammered the metal flat.*

(95) *John painted the house yellow.*

(LOBATO, 2004, p.142)

A análise acima parece corroborar a idéia de Talmy (2000) de que línguas como o inglês tenham o modo da ação amalgamado no verbo. Daí, temos que *hammer* é ‘bater com o martelo’, *paint* é ‘colorir usando tinta’. Portanto, a possibilidade de manifestar o aspecto resultativo por meio de satélites para denotar o estado resultante é uma alternativa que línguas como o inglês podem utilizar.

Já o PB não parece ser capaz de se valer desse recurso para expressar resultado, pelo menos nessa primeira análise. E mesmo que fosse possível usarmos satélites para indicar o estado resultante, esse acréscimo seria redundante, já que vimos que os verbos que participam das “construções resultativas do PB” já têm um resultado mesmo sem um predicado secundário. Poderíamos, ainda, dizer que esses sintagmas “resultativos” que aparecem em PB vêm acrescentar o modo da ação verbal, confirmando a idéia de que o modo não é expresso nos verbos que são ditos formadores de construção resultativa em PB, ao contrário do inglês. Mas, e quanto ao *critério resultativo*? Seria possível aplicá-lo ao PB? Os dados do PB mostrados na seção 2.2.1. (acima) não podem satisfazer esse critério?

2.2.3. Aplicando o Critério Resultativo aos dados do PB

Durante a tentativa de definir se o PB apresenta uma construção resultativa, qualquer trabalho precisa levar em consideração quais as propriedades desse tipo de construção em uma língua em que esse fenômeno aparece de maneira mais regular e freqüente. No caso do PB, esbarramos numa questão empírica muito importante: a *produtividade*. Os trabalhos do PB, como Foltran (1999) e Lobato (2004), mencionam o fato de que os dados considerados como resultativas em PB não são produtivos, e que parecem um tipo especial de predicação secundária.

De acordo com Snyder (1995) (apud MARCELINO, 2007), um dos critérios para determinar se determinado fenômeno sintático ocorre em uma língua é exatamente a produtividade, pois é a partir dela que podemos pressupor um componente que gera livremente esse tipo de sentenças, e que os dados não são apenas um grupo de expressões cristalizadas, mas não geradas pelo sistema. Se o critério da produtividade pudesse ser tomado como única base para determinar se uma língua possui uma determinada construção sintática, poderíamos afirmar categoricamente que PB não possui resultativas, e todo o trabalho feito até aqui teria sido em vão.

Apesar da questão da produtividade ser um ponto a favor da nossa hipótese, ainda temos que mostrar que os dados do PB não são construções resultativas porque não satisfazem o *critério resultativo*, (31), repetido aqui em (96):

(96) *Critério Resultativo*

Uma sentença é considerada uma construção resultativa desde que não viole nenhuma das seguintes condições:

- (i) *O predicado secundário resultativo denota um estado resultante;*
- (ii) *O objeto atinge o estado resultante por meio de uma mudança de estado;*
- (iii) *A mudança de estado é denotada pelo predicado resultativo (e não pelo verbo, que denota o desencadeamento da mudança);*
- (iv) *A mudança de estado é causada por um desencadeador externo (“agente”);*
- (v) *O verbo adquire uma leitura causativa (“agente” como desencadeador da mudança de estado);*
- (vi) *O verbo explicita o modo pelo qual a mudança de estado é desencadeada.*

De acordo com o nosso *critério*, as sentenças do PB deveriam apresentar, em sua estrutura, todas as propriedades acima mencionadas, como no caso dos dados do inglês. Observemos, comparando uma sentença do PB e uma sentença do inglês, quanto à satisfação de cada um dos itens do nosso *critério*:

(97) *John hammered the metal flat.*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{John}) \ \& \ \text{Hammering}(e) \ \& \ \text{Theme}(e, \text{metal}) \ \& \ (\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Theme}(e', \text{metal}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Being-flat}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{metal}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s)]]]$

(98) *João cortou o cabelo curto.*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{Ele}) \ \& \ (\exists e')[\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Tema}(e', \text{cabelo}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s)[\text{Estar-cortado}(s) \ \& \ \text{Tema}(s, \text{cabelo}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e', s) \ \& \ \text{Estar-curto}(s)]]]$

-(i) *O predicado secundário resultativo denota um estado resultante*

No caso de (97), o estado resultante da sentença é denotado pelo predicado *flat*, conforme mostramos em nossa análise semântica no capítulo 2. Já em (98), vimos que o resultado da ação é *um cabelo cortado*, e *curto* modifica esse estado resultante.

-(ii) *O objeto atinge o estado resultante por meio de uma mudança de estado;*

Tanto em (97) quanto em (98), o estado resultante (*being-flat* e *being-cortado*, respectivamente) é produto de uma mudança de estado; isto é, o objeto passa a ter um estado novo após a ação verbal.

-(iii) *A mudança de estado é denotada pelo predicado resultativo, (e não pelo verbo, que denota o desencadeamento da mudança);*

Apesar do item (ii) ser satisfeito tanto pela sentença do PB (98) quanto pela sentença do inglês (97), o estado resultante *being-flat* é dado pelo predicado resultativo *flat*, enquanto no PB o estado resultante *being-cortado* é dado pelo verbo *cortar*.

-(iv) *A mudança de estado é causada por um desencadeador externo (“agente”);*

Em ambas as sentenças, a mudança de estado é causada por um agente.

-(v) *O verbo adquire uma leitura causativa (“agente” como desencadeador da mudança de estado);*

-(vi) *O verbo principal explicita o modo pelo qual a mudança de estado é desencadeada;*

Em (98), apesar de o verbo apresentar uma leitura causativa, o seu estado resultante é que o *cabelo* fique *cortado*. Assim, curto não pode ser o estado resultante de (98). Observemos as paráfrases abaixo:

(99) *John hammered the metal flat.*

John caused the metal to become flat (by hammering it)

(100) *João cortou o cabelo curto.*

?João fez o cabelo ficar curto (cortando-o).

João fez o cabelo ficar cortado, e o cabelo ficou curto.

Como podemos ver, em (100) só é possível a paráfrase em que o verbo é aquele que denota o estado resultante da sentença; além disso, não há relação entre o verbo e o modo da ação como no inglês (como na expressão *by hammering it*, em (99)).

Conforme esperávamos, as “resultativas” do PB não satisfazem os itens do nosso *critério resultativo*. Mesmo sentenças com verbos de atividade, que tenham uma leitura causativa, não têm interpretação resultativa em PB. É o caso dos verbos causativos (101):

(101) *João deixou o prego torto.*

Essa sentença não poderia ser considerada resultativa em PB, pois não satisfaz o item (vi) do nosso critério. Enquanto no inglês, *hammer* denota o modo da ação (dada a possibilidade de amálgama de *modo* em inglês, língua emoldurada pelos satélites), em PB, não é possível esse tipo de incorporação de modo. Portanto diremos que, em inglês, não é o verbo causativo que é “modalizado”, mas o processo inverso; o verbo que denota modo é *causativizado*. Por isso,

mesmo que todos outros itens do nosso *critério* sejam abandonados, PB não pode expressar uma resultativa como inglês, pois, como vimos, essa língua não faz amálgama de *modo*, de acordo com a tipologia proposta por Talmy (2000); daí o desvio de interpretação de (102), que só pode ser interpretada com uma sentença depictiva (o *prego* já era *torto* quando *João* o martelou):

(102) $\neq$ *João martelou o prego torto.*

Como já mostramos, esse tipo de sentença não traz a mesma inferência pragmática que uma resultativa do inglês. Além disso, os dados com verbos causativos, como (41), repetidos aqui em (103), têm predicados que são modificadores de estado resultante, como mostramos na análise semântica do PB.

(103) a. *O médico deixou o menino recalçado.*

b. *A chuva tornou os campos molhados.*

c. *Ela fez o chá fraco.*

(LOBATO, 2004, p.171)

Evitando “salvar” a análise de resultativas em PB, diremos que, mesmo que seja dito que o *critério resultativo* seja estipulativo e dispensável, o item (vi), aliado à nossa análise semântica, é de extrema importância. Ele mostra que, apesar da estrutura resultativa ter uma estrutura semelhante a uma sentença causativa, não significa que estruturas causativas tenham a mesma estrutura de uma resultativa. Até porque, em inglês, contrariamente ao PB, qualquer tipo de verbo (com exceção dos verbos inacusativos) pode formar uma resultativa. Em nossa análise sintática no capítulo 5, daremos uma explicação para esse fenômeno.

A partir dessa idéia, para determinarmos a natureza das sentenças do PB afirmaremos que aquilo que vem sendo chamado de “construção resultativa do PB” por Foltran, Marcelino e Lobato representa outro fenômeno sintático, que codifica o resultado da ação em sua estrutura sentencial de maneira diferente de como ele é realizado nas resultativas do inglês, pela diferença na sua “moldura” sintática.

No próximo capítulo, tentaremos explicar essas diferenças em termos sintáticos, a partir de uma restrição paramétrica que determina a impossibilidade de formação de resultativas a partir da possibilidade de formar (ou não) um predicado complexo (resultativo).

3. Qual a estrutura sintática de uma construção resultativa?

Esta seção do nosso trabalho tem como finalidade propor uma estrutura adequada ao conjunto de sentenças que até aqui viemos chamando de construções resultativas. Com base nas propriedades do nosso "critério resultativo", e na diferença entre os fenômenos do inglês e PB apontados como representantes dessa construção sintática, tentaremos motivar uma análise que mostre como as sentenças de cada língua em questão devem ser representadas por estruturas diferentes, dado o comportamento distinto entre PB e inglês, seja perante os testes sintáticos, seja satisfazendo nosso "critério resultativo", especialmente pela perspectiva semântica adotada a partir de Parsons (1990).

Para a análise, nos guiaremos pela teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993, 2002), adotando o processo de *conflation*, seguindo a adaptação dessa operação presente em Harley (2004). Aproximaremos a nossa proposta com outras análises, como a de Mateu (2002, 2007), ora convergindo, ora divergindo em alguns pontos. Nosso objetivo é aproveitar os pontos positivos de cada análise, e, ao mesmo tempo, fornecer uma perspectiva estrutural distinta para as resultativas, de modo a explicar a impossibilidade de ocorrência desse fenômeno sintático em PB.

3.1. Observando as análises de construções resultativas em inglês e em PB: motivações para uma nova análise

É difícil determinar qual análise sintática devemos adotar para representar as construções resultativas do inglês, já que cada análise tem seus problemas e suas limitações. É válido mencionar o fato de que, para o caso das análises já mostradas para o inglês (HOEKSTRA, 1988, LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995), o objetivo dos autores não era o de definir a estrutura sintática das construções resultativas em si, mas utilizar sua análise como argumento para defender alguma outra hipótese.

No caso de Hoekstra (1988), sua análise de SC para as resultativas parte da motivação em atribuir uma estrutura uniforme para os predicativos em holandês, argumentando a favor da teoria de Princípios e Parâmetros e contra um modelo que se utilize de regras de estruturação de sentença para representar as construções resultativas. Já Levin & Rappaport-Hovav (1995) utilizam as resultativas como diagnóstico (daí o nome do capítulo “The anatomy of a diagnostic: the resultative construction”) para comprovar a existência de verbos inacusativos em inglês. Assim, acabam por não se dedicar à investigação dos mecanismos que subjazem a estruturação das sentenças de um ponto de vista translingüístico.

Fica difícil explicar o motivo de termos línguas que não apresentam construções resultativas se adotarmos a análise de Hoekstra (1995), pois sua análise de SC é uniforme para predicados resultativos e depictivos, por exemplo. Como derivar a restrição de ocorrência de resultativas numa língua que permite depictivas com a mesma estrutura?

No caso de Levin & Rappaport-Hovav (1995), o problema fica maior ainda. Se resultativas são predicados secundários, como explicar que, em PB, onde temos predicados

secundários, estes não são capazes de delimitar a ação do verbo. E ainda, como é que se dá a relação estrutural entre esses predicados na proposta das autoras?

A finalidade das observações acima não é comparar as análises desses autores e dizer que não são boas para o inglês, mas dizer que talvez elas não sejam adequadas para explicar o porquê de o PB não ter o mesmo tipo de fenômeno sintático, apesar de possuir os mesmos recursos dos quais os autores se valem, para explicar a formação desses predicados. Por conta desse problema, acreditamos que, apesar das análises dos autores para o inglês serem competentes na questão da adequação descritiva, o fato de não privilegiarem um estudo translingüístico enfraquece sua adequação explicativa.

Nas próximas subseções, daremos alguns argumentos em favor de uma descrição que, enquanto privilegia uma explicação para a restrição de ocorrência de resultativas em línguas como o PB, se mostra, ao mesmo tempo, adequada para a descrição sintática das construções resultativas do inglês, capturando as propriedades das análises de *small clause* de Hoekstra (1988) e de predicados secundários de Levin & Rappaport Hovav (1995) ²⁹.

3.1.1. A teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993, 2002)

3.1.1.1. LRS, *sintaxe-L*, e a representação das relações argumentais e semânticas: Hale & Keyser (1993)

Em sua teoria de estrutura argumental, Hale & Keyser (1993, 2002) propõem que a estrutura de seleção feita pelos itens lexicais pode ser definida com base em seu comportamento sintático. Apesar de tanto *break* quanto *cough* serem verbos intransitivos, eles

²⁹ Para uma revisão dessas análises, Cf. cap. 1.

se comportam de maneira diferente no que diz respeito à alternância transitiva. Assim, a agramaticalidade de (108) se deve ao fato de que sua versão intransitiva (106) não permite transativização do verbo do mesmo jeito que (105) permite (em (107)).

(105) *The pot broke.*

‘O vaso quebrou’

(106) *The engine coughed.*

‘O motor tossiu’

(107) *I broke the pot.*

‘Eu quebrei o vaso’

(108) **I coughed the engine.*

‘Eu tossi o motor’

(HALE; KEYSER, 2002, p.1)

Com base nessas observações, os autores afirmam que uma teoria de estrutura argumental precisa ser muito mais do que uma mera descrição do número e tipo de argumentos marcados em um item lexical.

A teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993) surge, então com o intuito de responder a duas questões: (i) por que existem tão poucos papéis temáticos? (ii) por que o UTAH³⁰? Para responder essas questões, os autores propõem que a derivação desses itens

³⁰ UTAH é a sigla inglesa para “Hipótese de Uniformidade de Atribuição Temática” (BAKER, 1988, p. 46), e é definida como (i) (tradução nossa):

- (i) A Hipótese de Uniformidade de Atribuição Temática (UTAH):
Relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações estruturais idênticas entre esses itens no nível de estrutura-D.

lexicais seja sintática, ou regulada pelos mesmos princípios que regulam a formação de sentenças. Hale & Keyser (1993) postulam que a estrutura argumental dos itens lexicais seja dada em uma computação pré-sintática, a *sintaxe-L*, onde o que os autores chamam de estrutura relacional lexical (daqui por diante LRS) é formada. Assim, tanto os argumentos dos itens lexicais quanto sua origem de formação (*e.g.*, se um verbo é originado de um nome) é completamente representada na LRS.

A LRS é, em sua essência, regulada por dois princípios sintáticos. Em primeiro lugar, Hale & Keyser (1993) restringem as categorias lexicais em V, N, A, e P, seguindo Chomsky (1970). Em segundo lugar, adotam a estrutura de projeções não-ambíguas (KAYNE, 1984), o que, conseqüentemente garante que a estruturação das representações LRS seja sempre binária, e sem mais de uma projeção intermediária ou máxima por categoria.

Quanto aos papéis temáticos, Hale & Keyser (1993) afirmam que eles não existem nos sentido tradicional da Gramática Gerativa, em que um item lexical trazia em sua informação o número e o tipo de papel temático. As relações temáticas são determinadas pela relação estrutural entre o elemento predador e seu argumento.

Dentre os tipos de relação sintática entre um núcleo e seu complemento, podemos destacar as relações (i) entre dois eventos (ou dois VPs), (ii) entre um evento (V) e um elemento que denota uma relação (PP), (iii) entre um evento (V) e um estado (AP), (iv) entre duas entidades (ou dois NPs).

Uma relação sintática de complementação entre dois verbos (109a) seria associada a uma relação semântica de implicação, ou causalidade (109b). Um evento matriz (V) implicaria o evento subordinado (VP), o qual seria parte do evento que o subordina ((i), acima).

Para Hale & Keyser, expressões como *put books on the shelf* denotam o que os autores chamam de “interrelação” ((ii), acima). As preposições relacionam necessariamente duas entidades ((iv), acima). Porém, essa relação não é necessariamente uma relação espacial, como no caso de (110). A estrutura (110a), nesse caso, mostra uma relação de transferência. Em outras palavras, mostra que uma entidade (aqui representada pelo NP objeto *books*) se envolve em uma inter-relação com outra entidade (o objeto da preposição, o NP *shelf*).

Já um caso de relação entre evento e um estado ((iii), acima), o ponto relevante é a relação semântica (111b), que mostra que na sentença (111a) o estado *clear* é responsável pela

formação do verbo e a ação, ou evento que implica nesse estado, é representado pela estrutura verbal em (111c).

(111) a. *The storm cleared the air.*

b. $e \rightarrow s$

Esses verbos são chamados pelos autores de *verbos deadjetivais*, já que é o adjetivo o elemento responsável pela seleção semântica do “argumento verbal”³¹. Nos verbos deadjetivais, o adjetivo entra parasiticamente na projeção verbal, pois precisa dela para realizar seu argumento na sintaxe. A projeção verbal serve, então, como uma espécie de “hospedeiro” do adjetivo, sem expressão semântica relevante na estrutura argumental.

Essas são as representações de verbos complexos na teoria de LRS de Hale & Keyser (1993). Como pudemos ver, essas representações dão conta da expressão semântica das

³¹ Pelo menos no inglês. Mais adiante discutiremos sobre o tipo de elemento que forma um verbo “deadjetival”, mostrando que essa noção pode ser bem mais ampla do que parece, de acordo com Hale & Keyser (2002).

relações entre dois eventos (109), entre um evento e uma relação entre duas entidades (110), e entre um evento e um estado (111). Para a nossa proposta de representação das construções resultativas, as relações evidenciadas pelas estruturas (119) e (111) serão de fundamental importância, principalmente pelas relações semânticas que evidenciam. Voltaremos a falar sobre elas mais adiante.

3.1.1.2. A proposta de estrutura argumental revisitada: Hale & Keyser (2002)

Em Hale & Keyser (2002), os autores reformulam algumas das propriedades da estrutura argumental tal como definida em seu trabalho anterior (HALE; KEYSER, 1993). Hale & Keyser (2002) afirmam que as propriedades da estrutura argumental dos itens lexicais não dependem apenas de sua categoria gramatical.

Assim, um verbo deadjetival, por exemplo, não seria necessariamente derivado apenas de um adjetivo, visto que existem línguas que não possuem uma categoria gramatical para esse tipo de palavra. Ou seja, a estrutura deadjetival apenas evidencia as características do elemento que entra nessa estrutura argumental, mas não define sua categoria gramatical. Assim sendo, Hale & Keyser (2002) propõem que, ao invés de adjetivos, a natureza desses elementos é subespecificada quanto à categoria, apesar de compartilharem propriedades de adjetivos. Logo, seriam expressas pelo rótulo R^{32} (de raiz).

³² Não fica claro ao longo do texto de Hale & Keyser (2002) se todas as categorias, além dos adjetivos, são tão livres para a presença de qualquer raiz em sua formação. Também é um problema a definição de estrutura deadjetival, já que, os autores ora utilizam o rótulo R (de raiz), ora o rótulo A (de adjetivo) na representação de verbos deadjetivais. Ainda assim, poderia ser argumentado que os autores acreditam que todos os elementos são formados de raízes, e seus rótulos (N, A, V, P) são mantidos pelo fato de que existe uma tendência em elementos de uma determinada categoria formar certa estrutura argumental.

Hale & Keyser (2002) continuam mantendo a definição de estrutura argumental dos itens lexicais tomando por base unicamente as relações estruturais de núcleo, especificador e complemento, num modelo de estrutura argumental que seria formada antes das operações de derivação de sentenças. Assim, as relações fundamentais de estrutura argumental continuam sendo as de especificador-núcleo e núcleo-complemento, como podemos observar nas regras (112) e (113), abaixo:

As relações fundamentais de estrutura argumental

- (112) Núcleo-complemento: Se X é o complemento de um núcleo H , então X é o único irmão de H (X e H c-comandam um ao outro).
- (113) Especificador-núcleo: Se X é o especificador de um núcleo H , e se P_I é a primeira projeção de H (i.e., H' , necessariamente não-vácuo), então X é o único irmão de P_I .

(HALE; KEYSER, 2002 p.12, tradução nossa)

A partir dessas relações fundamentais, que, segundo HALE & KEYSER, se mostram subspecificadas no que diz respeito às categorias dos elementos que nelas ocorrem, é possível derivar quatro tipos de estruturas encontradas nas línguas naturais: (i) a atômica, ou que não seleciona complemento nem especificador; (ii) a monádica³³, que seleciona somente um complemento; (iii) a diádica básica, em que um mesmo núcleo é quem exige a seleção tanto do elemento que ocupa a posição do complemento quanto do elemento que ocupa a posição de especificador; (iv) a diádica composta, em que o núcleo exige um complemento, e este complemento força uma projeção de Spec, que é ocupada por um argumento interno.

³³ Para Hale & Keyser, os termos *monádica* e *diádica* não dizem respeito à classificação de verbos de um e dois argumentos, respectivamente. No trabalho desses autores, esses termos dizem somente respeito ao número de projeções que um determinado item lexical pode projetar, e não possuem relação com o número de argumentos realizados na sintaxe. Portanto, um verbo diádico em sua estrutura pode ser intransitivo na sintaxe, ou vice-versa.

Nessas relações possíveis, os autores mostram que há certa uniformidade na frequência com que certos tipos de elementos ocorrem em certas projeções. No caso da estrutura diádica básica (iii), por exemplo, o núcleo costuma ser uma preposição (P), que seleciona dois DPs em certa configuração relacional entre si, como visto em (110) (acima). Já estruturas como (ii) costumam formar a maioria dos verbos ((109), acima), enquanto (iv) forma verbos deadjetivais ou adjetivos ((111), acima), e a estrutura (i) tende a formar nomes.

Daqui em diante, nos interessam as estruturas monádica (ii) e diádica composta (iv), já que nossa hipótese para a estruturação das resultativas será baseada nessas duas estruturas. No caso da estrutura diádica, nos interessa o fato de que o complemento do núcleo (V) é geralmente um adjetivo (A), que é precisamente o caso da maioria dos predicados resultativos. Já a estrutura monádica nos interessa pelo fato de ser a formadora de verbos denominais, como *laugh* (114):

³⁴ Os autores distinguem o núcleo de projeção diádica composta com um asterisco pelo fato de que o núcleo não é o elemento que seleciona o argumento que ocupa sua posição de especificador, mas o predicado (*e.g.*, um adjetivo) que ocupa a posição de complemento desse núcleo (conforme discutido para a estrutura (7), acima).

(HALE; KEYSER, 2002 p.47)

Voltaremos a falar dos verbos denominais mais adiante, na seção 3.3.4. Por enquanto, voltemos às estruturas diádicas. A partir das sentenças ((105), (106), repetidas abaixo) e a diferença de comportamento frente à alternância ((107), (108), repetidas abaixo), os autores propõem que o que deriva a possibilidade, ou não, de um verbo participar desse tipo de alternância é a estrutura argumental a partir da qual a sentença foi formada e a natureza “categorial” da raiz³⁵ responsável pela origem do verbo.

(105) *The pot broke.*

‘O vaso quebrou’.

(106) *The engine coughed.*

‘O motor tossiu’.

(107) *I broke the pot.*

‘Eu quebrei o vaso’.

³⁵ O conceito de raiz aqui considerado é a de um elemento que não é determinado quanto à sua categoria gramatical. O que queremos dizer com natureza categorial da raiz é a sua capacidade de aparecer em determinados contextos de estrutura argumental. Hale & Keyser (2002, cap. 4.) mostram que a “categoria gramatical” da raiz que forma verbos deadjetivais em várias línguas pode variar, podendo ser da categoria N, inclusive. A estrutura deadjetival é assim chamada, portanto, devido à tendência de elementos com características semelhantes às de adjetivos participarem na formação desse tipo de estrutura argumental.

(108) **I coughed the engine.*

‘Eu tossi o motor’.

(HALE; KEYSER, 2002 p.1)

O verbo *break* teria, portanto, a seguinte estrutura: uma projeção verbal, que estabelece uma relação de complementação com uma raiz. Essa raiz, por sua vez, é a responsável pelas exigências de seleção e força a projeção de uma posição de especificador. Essa configuração é o que permite a alternância transitiva vista acima. Observe a estrutura abaixo em (115):

(HALE; KEYSER, 2002 p.2)

De acordo com o requerimento de estrutura argumental de Hale & Keyser, um núcleo verbal não pode ser fonologicamente nulo. Logo, a raiz *break* seria incorporada ao verbo, como em (116):

A possibilidade de alternância causativo-incoativa da sentença (105) para (107) se deve ao fato de que, segundo os autores, apesar de (116) ser uma estrutura diádica preenchida, uma nova projeção verbal (V_1 , (117)) pode ser adicionada à sentença na sintaxe, para introduzir uma posição para o argumento externo, permitindo a alternância. Para isso, os autores baseiam-se na análise de Kratzer (1996), e presumem que o argumento externo não seja parte da estrutura argumental dos verbos³⁶. Logo, a estrutura que representa (107) seria (117):

³⁶ No caso da análise de Kratzer (1996), o núcleo responsável pela introdução do argumento externo na sentença é aquele que forma a projeção *Voice*. Como Hale & Keyser (2002) não mostram argumentos externos em seu trabalho, não nos preocuparemos em projetar o argumento externo ao longo deste trabalho.

No caso de um verbo derivado de uma estrutura argumental monádica, como *cough*, porém, a estrutura seria como (118). *Cough* não permitiria alternância porque não pode e nem deve projetar um especificador, já que, nem a raiz verbal, nem o núcleo exigem a projeção de tal elemento.

(HALE; KEYSER, 2002 p.2)

Note que uma estrutura como (118) seria transitivizada pela adição de um núcleo verbal, selecionando a projeção já existente e permitindo a realização do argumento *the engine* (119):

Logo, a agramaticalidade de (108) se deve à natureza da raiz de *cough*, cujo comportamento se assemelha ao de raízes que compartilham propriedades com substantivos. Ou seja, ao contrário de raízes como *break*, que compartilha propriedades de adjetivos, raízes como *cough* não forçam a projeção de um especificador da mesma forma que *break*. Assim, seu argumento deve ser projetado na posição de argumento externo, na projeção V_1 , enquanto raízes como *break* participam livremente da formação de verbos deadjetivais. Logo, é a estrutura argumental de *cough* que impossibilita uma alternância transitiva como a do verbo *break*, em que o argumento surge em uma posição de argumento interno, como especificador da projeção de V_2 , como em (117).

Já no caso de verbos transitivos, como *make* (120), Hale & Keyser (2002) argumentam que não existiria a necessidade de projeção de uma posição de especificador, mais uma vez pelo fato da sentença (120a) não ser capaz de entrar em alternância média, como por exemplo,

em (120b). Se não participa de alternância, um verbo como *make* está mais próximo de ter uma estrutura como a de *cough* do que uma estrutura como a de *break*. Além disso, *make* pode ser considerado um *verbo leve* e seu conteúdo semântico é praticamente irrelevante para a interpretação de uma sentença. Em uma expressão como *make a fuss*, a única função de *make* é verbalizá-la. Assim, sua estrutura seria (121):

(120) a. *He made a fuss.*

b. **A fuss makes easily.*

(HALE; KEYSER, 2002 p.6)

Outros verbos transitivos como *hammer* ou *martelar* (122), teriam a mesma estrutura argumental de *make* (123):

(122) a. *John hammered the metal.*

b. *João martelou o metal.*

O problema em dizer que esses verbos têm a mesma estrutura de *make* é que tanto *hammer*, quanto *martelar* são tradicionalmente considerados verbos denominais³⁷ e, como vimos em (121) e (123) (acima), a estrutura de verbos denominais é realizada com a formação de outra estrutura monádica. A solução para essa questão seria dizer que a formação de verbos denominais se dá previamente e *hammer* e *martelar* seriam unidos a seus respectivos argumentos posteriormente. Diremos que, antes de entrar na posição de núcleo, os verbos *martelar* e *hammer* possuem uma origem denominal e, por sua inserção por *conflation*, não existem nós de adjunção identificando a origem de sua raiz. A operação de *conflation* é o que permite que o nó verbal formado por (124) se encaixe na posição em que se encontra em (125):

³⁷ Atentando para o fato de que é apontado na literatura que, em inglês, a maioria dos nomes possui um verbo correspondente.

Nesta seção, mostramos que verbos denominais são responsáveis pela formação de sentenças transitivas comuns. Já a estrutura das resultativas deriva de uma estrutura mais complexa, porém. A partir das próximas seções, passaremos a falar sobre nossa proposta para as resultativas do inglês bem como sobre a restrição que impede a formação de resultativas no PB.

3.2. *Aplicando a proposta de Hale & Keyser às construções resultativas: predicados complexos, verbos denominais e manner conflation*

3.2.1. *Resultativas como predicados complexos? Verbos de adjetivação e suas propriedades afixais*

Ao longo deste trabalho, tentamos mostrar que as construções resultativas do inglês e PB são fenômenos sintáticos diferentes. Com base em nosso “critério resultativo”, sentenças incompatíveis com tal critério não podem ser representadas sintaticamente como as resultativas, já que essas possuem uma semântica que evidencia a relação do predicado

resultativo com a sentença, de modo a denotarem o estado resultante da ação, enquanto nas sentenças não-resultativas (tanto em inglês quanto PB) o predicado secundário apenas modifica o estado resultante, que não depende da presença desse predicado secundário.

É de se esperar que essa diferença semântica seja visível na sintaxe, já que, como vimos, existem diferenças entre inglês e PB, seja no tipo do verbo que forma resultativas, seja no tipo de predicado selecionado (com ou sem modificadores), ou ainda nas propriedades aspectuais, além das restrições de seleção no PB (no caso de verbos inergativos, por exemplo).

Para nós, a estrutura de uma construção resultativa pode, de certa forma, ser comparada quase como uma “construção” no sentido tradicional do termo ao longo da gramática gerativa, conforme mencionamos no capítulo 1. Com a estrutura que iremos propor, a formação de resultativas é dada a partir de uma estrutura regular e fixa, e que, dado o conjunto de suas propriedades, evidenciam-na como tal. Ou seja, a “construção” resultativa é, de fato, “construída” a partir da composicionalidade dos seus elementos. A formação de um predicado complexo, juntamente com a incorporação do modo da ação ao verbo, acaba por permitir a leitura resultativa, que se distingue dos meros modificadores de estado resultante, como os dados do PB, por exemplo.

Aplicando as propriedades da teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993, 2002) sobre as construções resultativas, poderíamos propor uma estrutura como (126), na qual *hammer* e *flat* formam um predicado complexo:

Note que a mesma estrutura pode ser utilizada por verbos inergativos (127) e pseudotransitivos (128). Pensando na análise de Hoekstra (1988), em que era necessário postular um papel temático *result*, e a diátese do verbo variava de acordo com a construção da qual ele participava, temos uma vantagem com a estrutura acima proposta. Nela, sem grade temática nem obrigação de o verbo possuir um determinado número de argumentos, o verbo não é o elemento que seleciona a construção resultativa. Ele é apenas parte da construção, contribuindo para seu significado, mais do que sendo um elemento que define sua existência. Assim, em tese, *qualquer* verbo poderia participar de uma construção resultativa. Mais adiante discutiremos essa possibilidade, e faremos as devidas restrições quanto a essa possibilidade.

Com esse tipo de estrutura, temos uma vantagem sobre as análises de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995). Com a análise de predicados complexos, conseguiremos explicar a formação de resultativas com uma estrutura uniforme, sem postular acréscimo de argumentos, nem alterar a diátese do verbo, já que a estrutura argumental é quem determina o

seu número de argumentos. Assim, tanto o verbo quanto o predicado resultativo são responsáveis por fazer uma construção resultativa denotar a resultatividade.

Tomando essas estruturas como base, precisamos responder às seguintes perguntas:

(129) *Questões sobre a estrutura sintática das resultativas*

- (i) Como as resultativas são formadas a partir de verbos inacusativos?
- (ii) O que impede a formação de construções resultativas em PB, de acordo com o que prevê o Parâmetro de Composicionalidade (SNYDER, 1995)?
- (iii) *Conflation* pode ser visto como uma versão de movimento de núcleo por motivações estritamente fonológicas, como em Harley (2004)?
- (iv) Qual a relação entre amálgama de modo (*manner conflation*), de Talmy (2000), e a ocorrência de resultativas (MATEU, 2001, 2007).

Nas seções a seguir, tentaremos responder a essas questões, refinando a nossa proposta preliminar de análise estrutural, adequando-a as estruturas “finais” (126), (127) e (128).

3.2.1.1. *O Parâmetro de Composicionalidade (SNYDER, 1995) e a restrição de formação de resultativas: o predicado complexo deadjetival e os traços afixais*

Como adotamos a teoria de Hale & Keyser (1993, 2002) para a representação da estrutura argumental das construções resultativas, é necessário que observemos, em um primeiro momento, a principal estrutura responsável pela formação das construções resultativas, segundo nossa hipótese: a estrutura de verbos deadjetivais. Conforme

mentionado anteriormente, Hale & Keyser (2002) mostram que verbos deadjetivais são formados por uma projeção verbal que tem seus requerimentos semânticos determinados por um adjetivo, ou uma raiz com propriedades de seleção semelhantes às de um adjetivo.

Como vimos na seção 4.1.1, a estrutura de verbos deadjetivais está diretamente relacionada à mudança de estado, causada por um evento ($e \rightarrow s$). Logo, essa é a estrutura básica que escolheremos para representar o nosso predicado complexo resultativo, formado pela projeção verbal e pela raiz adjetival (a expressão que denota o estado resultante):

Como *flat* é uma raiz que possui características predicativas de um adjetivo, é seu conteúdo semântico que licencia uma posição de especificador na projeção verbal, fazendo com que a estrutura (130) projete uma posição para o argumento interno (131):

O problema em (131) é que, apesar de *flat* poder selecionar um argumento interno, é necessário que, antes da seleção desse argumento, o núcleo V tenha sua posição preenchida por conteúdo fonológico (ou, por uma *p-signature*³⁸ (HALE; KEYSER, 2002)). Assim, *flat* teria que sofrer *conflation* com o nó verbal, resultando *flatten* (132):

O movimento de *flat* seria motivado pela presença de um elemento cuja *p-signature* seja defectiva³⁹, como *-en*, que resultaria em um verbo de alternância causativo-incoativa como *flatten* (132).

Nossa hipótese é a seguinte: em algumas línguas, é possível mover *flat* por *conflation* para satisfazer as necessidades fonológicas de V em que um elemento afixal como *-en* exija tal condição fonológica. Nesses casos, o *output* da estrutura é um verbo inacusativo de alternância causativo-incoativa. Em línguas como o inglês, porém, outra opção estaria disponível: o morfema *-en* não estaria presente, e seria possível uma inserção de uma raiz

³⁸ *P-signature*, segundo Hale & Keyser (2002, p. 62) é a representação do conjunto de traços fonológicos registrados em um rótulo (CHOMSKY, 1995). Da mesma maneira que Hale & Keyser (2002), representaremos as *p-signatures* como a representação ortográfica dos itens relevantes, o que não implica necessariamente a presença de conteúdo fonológico propriamente dito nesses nós, assim como a teoria da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) propõe.

³⁹ Acreditamos que esse elemento poderia ser fonologicamente vazio ($\emptyset$) em alguns casos.

como *hammer* na posição de núcleo,⁴⁰ licenciando a interpretação de construção resultativa (ou seja, de predicado complexo) (133):

Para apoiar a nossa proposta de estrutura teórica, nos basearemos no trabalho de Snyder (1995). Nesse trabalho, Snyder faz um estudo com base no fenômeno da aquisição de linguagem e na comparação entre várias línguas de famílias diferentes, na tentativa de propor um Parâmetro que relacione a presença de certo tipo de formação sintática que permita a realização de um número de determinadas construções sintáticas. Para ele, a aquisição de vários fenômenos como construção de objeto duplo, construções resultativas, construções dativas, isolamento de preposição, entre outras, seriam desencadeadas uma vez que o tal Parâmetro tivesse sido ativado dentro de um determinado período de desenvolvimento da aquisição da linguagem.

Segundo Snyder, a formação de nomes compostos, que Snyder chama de *compounds*⁴¹ só é possível se, na língua em questão, a ocorrência de construções resultativas seja

⁴⁰ Como já mostramos, *hammer* pode ser considerado um verbo denominal. Falaremos sobre a formação de *hammer* e sua inserção na estrutura mais adiante, na seção 3.2.3.

⁴¹ Rafael Minussi (comunicação pessoal) afirma que, apesar dessa nomenclatura, os dados que Snyder (1995) consideram como *compounds* pertencem a outro tipo de categoria. Em nosso trabalho, manteremos a terminologia de Snyder (1995) para fins didáticos. Para uma discussão detalhada sobre *compounds*, Cf. Minussi (2008).

totalmente produtiva. Para Snyder, a produtividade é questão central para determinar se uma formação sintática é um produto de uma determinada língua. Da produtividade se obtém a confirmação de que aquela construção é feita a partir de mecanismos realmente disponíveis na formação de palavras ou sentenças naquela língua.

Observemos abaixo a descrição do Parâmetro de Composicionalidade:

(134) O Parâmetro de Composicionalidade⁴²

A gramática (não) permite livremente que itens lexicais de classe aberta,
não afixais, sejam marcados como [+Afixal]

(SNYDER, 1995, p.27)

Nas línguas em que o parâmetro acima é marcado negativamente, a produção de resultativas e de compostos como *worm can* (*lata de minhoca(s)*; Cf. **minhoca lata*) não é produtiva. Assim, Snyder propõe que a formação de predicados complexos só seja possível em línguas em que a marcação do Parâmetro de Composicionalidade seja positiva (*e.g.*, inglês).

No caso de línguas como o PB, é visível que a formação de nomes compostos como *worm can*, *tattoo man* ou *bunny girl* não são produtivos⁴³, assim como as construções resultativas, como apontam Foltran (1999) e Lobato (2004). Mesmo nos casos em que os dados do PB parecem ir contra nossa hipótese, seguiremos dizendo que não existe construção em PB que seja equivalente à construção resultativa do inglês.

Com o suporte do Parâmetro de Composicionalidade, nossa proposta ganha força. Vimos propondo nas seções anteriores que a formação de predicados complexos e verbos deadjetivais compartilham da mesma estrutura. Se esse Parâmetro é marcado negativamente em PB, como afirma o trabalho de Marcelino (2007), por exemplo, é de se esperar a

⁴² Tradução nossa.

⁴³ Para uma discussão detalhada do Parâmetro de Composicionalidade em PB, Cf. Marcelino (2007).

impossibilidade de formação de predicados complexos (a partir da estrutura de verbos deadjetivais, segundo nossa hipótese).

Assim, nossa proposta é a seguinte: a possibilidade de formação de predicados complexos (resultativas) a partir da estrutura de verbos deadjetivais só se dá quando o núcleo verbal que seleciona uma raiz como *flat*, em (135) é marcado com o traço [+Afixal]⁴⁴. Esse traço permite a formação de predicados complexos como [*hammer flat*], a partir da mesma estrutura de verbos inacusativos como *flatten* ((131), acima).

De acordo com o Parâmetro de Composicionalidade, em línguas como o PB, os itens lexicais (raízes) que se unem ao verbo nunca podem ser marcados com o traço [+Afixal]. Conseqüentemente, essas raízes nunca poderiam ser interpretadas como afixos. Portanto, em PB não é permitido que a posição de núcleo verbal seja preenchida por um item lexical como *martelar*. Uma sentença como (136) não pode ter uma estrutura como (137), já que em PB não há, em seu inventário, itens de classe aberta marcados com o traço [+Afixal] para ocupar a posição verbal, o que, por sua vez, bloqueia a formação de um predicado complexo em PB:

⁴⁴ Por [+Afixal], entendemos a capacidade de um *item lexical* (no caso do Parâmetro de Composicionalidade, uma raiz) ser interpretado pelo sistema como um afixo.

(136) $\neq$ *O João martelou o metal plano.*

Nas estruturas acima, tanto no inglês quanto no PB, diremos que a projeção verbal (uma projeção funcional (HALE; KEYSER, 2002)) vem marcada com o traço [+Afixal]. Ou seja, ela precisa ser preenchida com elementos que tenham esse traço marcado positivamente, como afixos (com propriedade inerente [+Afixal]) no PB, e afixos ou raízes, em inglês.

Tanto em PB quanto em inglês, elementos afixais (e.g.: *-en* em *flatten*, *a-_____ar* em *achatar*) podem aparecer na posição de núcleo. Porém, esses afixos não são capazes de satisfazer a necessidade fonológica do núcleo verbal. Assim, os afixos, que são itens de classe fechada, são de natureza distinta das “raízes afixais” de classe aberta, dependentes do Parâmetro de Composicionalidade.

Depois de inseridos no nó verbal, afixos (naturalmente [+Afixais]) impedem a inserção de uma raiz nessa posição, pois satisfazem o requerimento de traço [+Afixal] no núcleo verbal. Apesar disso, eles forçam o movimento da raiz para a posição de núcleo ((138), (139)), fazendo com que a raiz preencha obrigatoriamente o núcleo verbal, devido à necessidade de preenchimento fonológico (*p-signature*) do nó verbal. Sem o preenchimento

adequado dessa *p-signature*, a projeção do argumento que ocupa a posição de especificador em (138) ou (139), por exemplo, não seria possível⁴⁵.

Assim, a formação de verbos inacusativos de alternância causativo-incoativa e construções resultativas em inglês compartilhariam da mesma estrutura, sendo que é a possibilidade do traço [+Afixal] nas raízes a responsável pela formação de cada uma das construções.

Até aqui respondemos duas das questões em (129): (i) Como as resultativas são formadas a partir de verbos inacusativos; (ii) O que impede a formação de construções

⁴⁵ Justificaremos a necessidade de *conflation* antes da seleção do argumento interno na próxima seção.

resultativas em PB, de acordo com o que prevê o Parâmetro de Composicionalidade (SNYDER, 1995). A estrutura deadjetival é a base para dois tipos de construções: as construções com verbos de alternância causativo-incoativa, e as construções resultativas. A segunda, porém, só possível em inglês, já que, segundo nossa hipótese, a formação de predicados complexos (resultativos) só é possível se a língua permite que suas raízes sejam marcadas como [+Afíxal], como prevê o Parâmetro de Composicionalidade de Snyder (1995).

3.2.1.2. Harley (2004): a operação de conflation revisitada

Harley (2004) propõe que *conflation* possa ser adotada, dentro da perspectiva teórica da Morfologia Distribuída⁴⁶, como uma versão fonológica de movimento de núcleo, e que deva acontecer o quanto antes na derivação sintática.

A autora diz que, quando um núcleo possui uma *p-signature* defectiva, há a presença de um traço [+Afíxal]⁴⁷. Ela propõe que um núcleo marcado com um traço [+Afíxal] desencadeia uma operação de cópia da *p-signature* de seu núcleo irmão logo após a operação de concatenação. Ou seja, na formação de verbos deadjetivais, por exemplo, a raiz é obrigatoriamente movida para o núcleo verbal V, gerando automaticamente um verbo inacusativo. Para motivar esse preenchimento automático do núcleo verbal, ela propõe o que ela chama de *economia de conflation (conflation economy)* (140):

⁴⁶ Cf. Halle & Marantz (1993).

⁴⁷ Apesar de Harley (2004) não fazer qualquer menção ao trabalho de Snyder (1995), tomaremos as propriedades afíxais como coincidentes em nosso trabalho.

- (140) **Economia de *Conflation*:** *Conflation deve ocorrer o mais cedo possível.* Isto é, uma p-sig [+Afixal] *deve* copiar a p-sig de seu irmão durante Concatenar; ela não pode ‘esperar’ para copiar alguma p-sig disponível mais tarde.

(HARLEY, 2004, tradução nossa)

Acreditamos que a *economia de conflation* pode ser satisfeita de outra forma, porém. Como vimos acima, a *p-signature* do núcleo verbal pode ser satisfeita tanto quanto pelo movimento da raiz irmã do núcleo verbal quanto pela inserção de uma raiz, formando um predicado complexo. Se nos moldes do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, et. seq.) a operação de concatenação é tão ou menos custosa do que a movimento, nossa proposta não viola a *economia de conflation*; pelo contrário, ela apenas deve ser ligeiramente modificada, para adequar-se à formação de predicados complexos (141):

- (141) **Economia de *Conflation* (revisada):** *Conflation deve ocorrer o mais cedo possível.* Isto é, uma p-sig [+Afixal] *deve*: ou (i) copiar a p-sig de seu irmão durante Concatenar, ou (ii) outra p-sig deve preencher p-sig [+Afixal] em nova Concatenação; ela não pode ‘esperar’ para copiar alguma p-sig disponível mais tarde.

Para Harley, itens como afixos e projeções funcionais são marcados como [$\pm$ Afixal]. A autora não diz nada sobre as raízes, porém. Segundo a autora, o seguinte princípio impede aplicação de *conflation* a itens que não possuem a propriedade [+Afixal]:

- (142) **Determinismo Afixal:** Pelo menos itens de vocabulário funcionais (f-morfemas; os itens de vocabulário que realizam T, D, C, v, P) são especificados como morfologicamente presos ou livres ou ambos; se conflation se aplica a um item que pode somente ser realizado como um morfema livre, a inserção de vocabulário falha.

(HARLEY, 2004, tradução nossa)

Se esse princípio estiver correto, em línguas como o PB, na qual as raízes não podem ser marcadas como [+Afixal], a *economia de conflation* só pode ser satisfeita da maneira explícita em (i) ((141), acima), excluindo, assim, a formação de predicados complexos em PB a partir do Parâmetro de Composicionalidade.

Com as restrições (141) e (142), aliadas ao Parâmetro de Composicionalidade, qualquer raiz inserida por conflation em um nó terminal deve ser marcada com o traço [+Afixal], ou a derivação será barrada no componente morfológico. Observando a estrutura (143), abaixo, teríamos a seguinte situação: após a seleção do nó verbal pela raiz *flat*, o próximo passo seria selecionar o argumento interno (no caso, o DP *metal*), que ocuparia a posição de especificador na estrutura. Porém, de acordo com o requerimento que diz que *conflation* deve ser satisfeita antes de qualquer outra operação sintática, é necessário que a estrutura seja preenchida por um item lexical (ou um afixo) marcado com o traço [+Afixal]. Se preenchida por um afixo, a estrutura teria a forma em (144):

Apesar da inserção por *conflation*, os elementos afixais de classe fechada sempre são dependentes fonologicamente. Assim, *flat* deve mover-se, obrigatoriamente, para a posição de núcleo, resultando no verbo inacusativo de alternância *flatten*, que seleciona o argumento *the metal* ((138), repetido aqui como (145)):

Sabemos que a *p-signature* defectiva do núcleo verbal da estrutura deadjetival precisa ser preenchida o quanto antes, seja via inserção lexical, seja via *conflation*. Em uma língua como o inglês, que permite que itens de classe aberta sejam marcadas como [+Afíxal], podemos ter uma estrutura diferente a partir das mesmas configurações vistas em (143). Se uma raiz marcada com [+Afíxal], ao invés de um afixo, for utilizada para preencher a posição de núcleo do verbo, teríamos a formação de um predicado complexo como (146):

Com esse tipo de configuração, não é necessário o movimento de *flat*, já que a raiz *hammer* entraria diretamente na posição de núcleo verbal, e a *economia de conflation* é satisfeita.

Se seguirmos a proposta de Snyder (1995), e afirmarmos que línguas como o PB não podem ter itens de classe aberta, não afíxais (raízes) como afíxais, não poderíamos ter um verbo como *martelar* preenchendo o núcleo verbal, da mesma maneira que *hammer* preenche a estrutura em (146), conforme esperado. Como PB não tem itens lexicais de classe aberta (raízes) marcadas com o traço [+Afíxal], a única maneira de ‘salvar’ qualquer estrutura deadjetivais⁴⁸ do mesmo tipo de (143) (acima) em PB é pelo acréscimo de um afixo, que

⁴⁸ Lembrando que a proposta de verbos deadjetivais segundo a proposta de Hale & Keyser (2002) é, na verdade, uma estrutura que permite raízes que se comportem de maneira semelhante a adjetivos, porém subespecificados quanto à sua categoria.

obriga o movimento da raiz que está na posição de complemento de V para a posição desse núcleo verbal⁴⁹.

Ou seja, se a estrutura de verbos deadjetivais é a formadora de resultativas em línguas como o inglês, e estivermos corretos quanto à impossibilidade de formação de resultativas em PB, ela se mostra diretamente relacionada à capacidade da língua em permitir que raízes possam, ou não, serem marcadas como [+Afixal].

Com a implementação e adaptação da proposta de Harley (2004) para adequar-se ao Parâmetro de Composicionalidade e à nossa análise para as resultativas acima proposta, acreditamos ter respondido à questão (iii), em (129) (acima) (*Conflation* pode ser visto como uma versão de movimento de núcleo por motivações estritamente fonológicas, como em Harley (2004)?). Resta ainda responder à questão (iv): Qual a relação entre amálgama de modo (*manner conflation*), de Talmy (2000), e a ocorrência de resultativas (MATEU, 2001, 2007). Este é o objetivo da próxima seção.

3.2.2. Amálgama de modo: ele é realmente necessário?

Ao longo deste capítulo, tentamos formular uma análise sintática que dê conta da divergência translingüística quanto à possibilidade de formação de construções resultativas, seja na formação do predicado resultativo como um todo, pelo Parâmetro de Composicionalidade de Snyder (1995), seja na formação do verbo principal, relacionado às propriedades de línguas emolduradas (*framed*) no verbo ou emolduradas nos satélites (Talmy, 2000).

⁴⁹ É importante notar que essa proposta é, em sua essência, uma maneira diferente de captar as intuições de Kratzer (2005) e Neeleman & Van de Koot (2002) para as construções resultativas, na qual os autores propõem, de maneira distinta da nossa, uma análise das resultativas como predicados complexos.

Vimos que a estrutura de um verbo denominal como *hammer* (147) é formada a partir de uma estrutura monádica, e que pode ser transitivizada a partir de outro nó verbal (Cf. seção 3.1.1.1., acima). Com isso, teríamos uma diferença entre o verbo denominal *hammer*, que forma um verbo transitivo, e a raiz *hammer*, que participa do processo de formação de predicado complexo que propusemos para as construções resultativas.

Na estrutura resultativa, a raiz *hammer* é responsável por introduzir o modo/instrumento da ação, como podemos ver pela paráfrase *John caused the metal to become flat by hammering it/hitting it with the hammer*. Nas seções acima, propusemos uma estrutura argumental (sintática) que dê essa leitura de maneira composicional. Porém, é possível formar um verbo denominal, e então acrescentá-lo a uma estrutura de predicado complexo? Mateu (2001) e Marcelino (2007) apontam uma solução para essa questão: a transformação generalizada, proposta em Chomsky (1995). Nela, duas estruturas podem ser formadas pelo sistema computacional em paralelo, e serem unidas posteriormente. Problemas permanecem, porém. Poderíamos acrescentar à questão (iv) (129) (acima) (Qual a relação entre amálgama de modo (*manner conflation*), de Talmy (2000), e a ocorrência de resultativas (MATEU, 2001, 2007)?) as seguintes questões:

- (148) (i) Um verbo denominal pode formar um predicado complexo?
- (ii) O que permite uma leitura de modo/instrumento da ação: o nome subjacente em uma estrutura denominal ou um traço [*manner*] embutido na raiz “nominal”?

Nossa idéia de que um verbo denominal estaria presente na estrutura argumental das resultativas surge das idéias de Mateu (2001) e Marcelino (2007), que afirmam que o verbo denominal é responsável pela denotação do componente de modo, seguindo a tipologia de Talmy (2000) no que diz respeito a línguas emolduradas pelo verbo ou pelos satélites. Assim, línguas emolduradas no verbo, como as línguas românicas, não teriam o amálgama do modo no verbo (Cf. seção 1.3.4.2.2., acima) representado pela estrutura denominal (monádica) de Hale & Keyser (2002). Marcelino (op. cit., p.55, nota 23) diz:

“Acredito que esta estrutura [de verbo denominal] ⁵⁰ poderia explicar porque o inglês permite que praticamente qualquer elemento com matriz fonológica e significado claro possa se tornar um V”. O elemento com matriz fonológica e conteúdo semântico preencheria a matriz fonologicamente nula de um verbo, como mostram os exemplos abaixo que são totalmente possíveis de ocorrer na língua dentro de um contexto específico, e que corrobora a idéia de produtividade do fenômeno descrito (interpretado de forma leiga como “qualquer coisa vira verbo em inglês”):

- (i) You **uhmed**! Why did you **uhm**? I need to know. What does it mean? (dito por alguém neurótico)
- (ii) Stop **what-ifing**! It’s not going to take you anywhere! (de *what if...?*)

⁵⁰ Nota nossa.

- (iii) Do you have *orkut*? I'll *orkut* you tonight! Or **MSN**... We could **MSN** each other.
- (iv) The invitation Said something about **RSVP**... Oh, no! I haven't **RSVP'***ed* yet!"

Com base na afirmação de Marcelino, aparentemente teríamos evidências para a necessidade de um verbo denominal estar presente na estrutura das resultativas. Além disso, uma propriedade de línguas emolduradas pelos satélites (como o inglês) é possuir o modo incorporado no verbo⁵¹. Assim sendo, a visível produtividade deste tipo de formação de verbo em inglês poderia nos levar a postular que, sempre que um verbo descreve uma ação realizada com um instrumento ou modo, é porque foi derivado a partir da estrutura denominal⁵².

A nossa resposta para a primeira pergunta de (148) ((i) Um verbo denominal pode formar um predicado complexo?) é *não*. Apesar de termos mostrado evidências na seção 3.1.1.2. para dizermos que um verbo como *hammer* é denominal, vimos na seção 3.2.1.1. que a formação de predicados complexos se dá pela presença de uma raiz, que satisfaz os requisitos fonológicos do núcleo verbal. Por isso, a estrutura denominal é desnecessária na constituição da construção resultativa como estamos propondo.

Verbos denominais são formadores de construções transitivas, mas não de resultativas. Nas resultativas, o predicado complexo é formado pelo acréscimo de uma raiz diretamente sobre o núcleo verbal, e essa raiz dá a interpretação de modo ou instrumento da ação verbal.

Se o predicado complexo é formado por raízes, e não por verbos denominais, temos que explicar como a leitura de modo ou instrumento é interpretada na estrutura resultativa

⁵¹ No caso de verbos de movimento, segundo Talmy (2000). No caso das resultativas, apesar de nenhum argumento empírico ou tipológico, assumiremos a compatibilidade de que modo seja expresso no verbo, tal como propõe Mateu (2001) em sua análise.

⁵² Com essa postulação, resolveríamos o problema apontado na seção 2.2.1., no que diz respeito ao problema aspectual do verbo *paint*. Para Hale & Keyser (2002), *paint* é um verbo da classe dos *locatum*, mais complexo que um denominal de projeção monádica. Logo, sua estrutura não seria capaz de entrar na construção resultativa, já que *paint* obrigatoriamente seleciona um argumento. Voltaremos a essa questão mais adiante, quando falarmos dos dados de modificação de estado resultante do PB.

apesar da ausência de estrutura denominal. Mateu (2008), baseando-se em McIntyre (2004, apud MATEU, 2008) e Zubizarreta & Oh (2007, apud MATEU, 2008), dispensa a estrutura de verbos denominais para representar o verbo das resultativas, alegando que não há evidência empírica para postular a presença de um verbo inergativo presente na formação de um verbo complexo do alemão como *vergärtnern*⁵³.

Já Embick (2004), diz que resultativas são formadas pela união da raiz responsável por representar o verbo e um aP (149). Para o verbo ser interpretado como um componente de modo, Embick propõe que a raiz seja objeto daquilo que ele chama de concatenação direta (*direct merge*) (150), que, em oposição aos verbos inacusativos, são complementos de v[FIENT] (151).

(149) *Estrutura com predicado secundário*

(EMBICK, 2004, p.370)

⁵³ Mateu cita o referido verbo em uma construção resultativa do alemão, caracterizada pela presença da partícula resultativa afixada à esquerda do verbo, como em (i) (MATEU, 2008, p.15)

- (i) a. *Er ver-gärtner-te sein gesamtes Vermögen.*
 he ver(away)-gardener-ed his whole fortune
 ‘In gardening, he used up all his fortune’.
 “Com jardinagem, ele gastou toda a sua fortuna”. (Tradução nossa)

(150) *Direct Merge*

(EMBICK, 2004, p.372)

(151) *Raiz como complemento*

(EMBICK, 2004, p.370)

A concatenação direta, segundo Embick (2004), possui conseqüências semânticas. Ele diz também que propostas que dizem respeito à *conflation*, no sentido das propostas de estrutura argumental feitas por Hale & Keyser, podem ser relevantes para identificar a natureza precisa dessa operação.

Como vimos acima, nossa proposta sintática faz uso da operação de *conflation* para a inserção de um verbo denominal, cuja categoria [+Afíxal], em línguas marcadas positivamente pelo Parâmetro de Composicionalidade, é responsável por satisfazer a *p-signature* defectiva do núcleo verbal da estrutura que resulta no predicado complexo resultativo. Logo, adotar a idéia de Mateu (2008), Zubizarreta & Oh (2007, apud MATEU, 2008), juntamente da proposta de Embick se segue quase que naturalmente. A única diferença é que, no nosso caso, não é necessário postular um operador do tipo [FIENT] para expressar a mudança de estado da resultativa, pois essa é uma característica da estrutura argumental deadjetival, formadora das resultativas, segundo nossa análise.

Assim, nossa estrutura para as resultativas seria como em (152), no qual a raiz *hammer* é inserida por *conflation* diretamente no nó verbal V_2 , movendo-se posteriormente para V_1 ,

preenchendo a *p-signature* defectiva (portanto, [+Afixal]) desse núcleo verbal, que é responsável pela leitura causativa das resultativas.

Com nossa análise sintática devidamente implementada, nossa proposta pode, talvez, conseguir explicar a relação entre o Parâmetro de Composicionalidade e a tipologia de Talmy (2000), de maneira que as duas possam co-existir pacificamente, ao contrário do que afirma Mateu (2008). Acreditamos que o problema de incompatibilidade que Mateu aponta pode ser resolvido se adotarmos uma estrutura deadjetival para as resultativas, ao contrário da estrutura adotada por Mateu (2001), que é formada a partir de uma preposição, a qual acreditamos ser um problema para representar resultativas⁵⁵.

⁵⁴ Assim como a notação feita por Hale & Keyser, indicaremos cada projeção verbal com um índice para deixar clara a presença de dois eventos. Por esse motivo, manteremos a projeção verbal que *hammer* ocupa sem índice, apesar de sabermos que esta faz parte da projeção deadjetival (V_2), já que foi unida a ela *via conflation*.

⁵⁵ Deixaremos a comparação entre a estrutura de Mateu e a nossa estrutura para as resultativas para ser discutida em um próximo trabalho, pois é necessária uma discussão extensa sobre sua relação entre expressões de verbos de movimento e resultativas, aparentemente incompatíveis, a nosso ver.

Com nossa nova definição de *conflation* a partir de Harley (2004), aliados ao Parâmetro de Composicionalidade de Snyder (1995), a possibilidade de amálgama de modo ao verbo em construções resultativas é um fato que se segue naturalmente.

Como proposto por Mateu (2008), qualquer raiz que entra na posição verbal da construção resultativa será interpretada como responsável pelo modo da ação. Assim, não vemos incompatibilidade entre o Parâmetro de Composicionalidade e a tipologia de Talmy. Pelo contrário, a extensão da generalização de Talmy para as resultativas advém do fato de que o modo só pode ser incorporado ao verbo nas resultativas como resultado direto da marcação positiva do Parâmetro de Composicionalidade.

Assim sendo, definimos a estrutura final para as construções resultativas do inglês, de maneira a explicar a sua impossibilidade em PB devido à sua marcação negativa do Parâmetro de Composicionalidade. A questão da tipologia de Talmy quanto à dificuldade de formação de resultativas em PB com modo no verbo e predicado resultativo *à la resultative tag* é decorrência natural da marcação negativa do Parâmetro em PB, que impede que os itens de classe aberta (raízes) sejam marcados como [+Afixal], impedindo a formação de predicados complexos.

3.2.3. *Aparando as arestas da análise sintática: explicando resultativas com PP e o reflexivo falso*

Até aqui, explicamos como se formam resultativas com raízes formadoras de verbos deadjetivais, ou simplesmente, resultativas com APs. Um problema que poderia ser apontado para a nossa análise é como as resultativas com PP participam de uma estrutura deadjetival.

Para adequar as resultativas com PPs à nossa análise, diremos que a estrutura deadjetival pode ser formada tanto por raízes quanto por a *expressões que denotem um estado resultante* (apenas no caso das resultativas). Assim, resultativas com PP não se tornam um problema para a estrutura argumental que estamos propondo (ao menos, por enquanto), e formariam resultativas a partir da estrutura de verbos deadjetivais.

Ou seja, um PP como *out of his eyes* denota uma expressão que se refere a um estado resultante. Assim, construções resultativas com PPs tendem a ser restritas a um certo tipo de preposição (como *out*, em *eat the family out of house and home*, *laugh him out of his patience*, *rub the tiredness out of his eyes*), que, na maioria dos casos, acaba formando uma expressão idiomática. Nos casos em que um PP é utilizado na construção resultativa, ele não denota espaço físico ou trajetória, mas um estado resultante, que foi alcançado graças à ação verbal.

Conforme apontado por Marcello Marcelino (comunicação pessoal), assim como nas construções verbo + partícula, em que o PP é responsável pela carga semântica da expressão (*e.g.*, verbo + *off* → ‘remoção [pela ação do verbo]’), no caso das resultativas, a semântica da preposição é o que contribui na denotação do estado resultante. Assim, em uma sentença como (153), a expressão *out of house and home* não se refere ao espaço físico no qual o sujeito *us* se move. Até porque o verbo *eat* não é um verbo de movimento.

(153) *They ate us out of house and home.*

Eles comeram nós (acus.) fora de casa e lar

“Eles nos deixaram sem ter o que comer em nossa casa, comendo tudo o que tínhamos”

Com isso, iremos contra alguns aspectos da análise de Mateu (2001). Mateu argumenta que as construções resultativas podem apresentar a mesma estrutura sintática e semântica das

construções de verbos de movimento. Acreditamos que isso não é verdadeiro no que diz respeito à formação de predicados resultativos (APs e PPs), quando comparados à expressões com verbos de movimento. Por colocar em um mesmo grupo sentenças resultativas e sentenças como *The boy danced into the room* (“O menino entrou na sala dançando”⁵⁶), claramente não-resultativa segundo nosso critério, divergiremos tanto em questões empíricas como essa, quanto na análise sintática das resultativas.

Outro problema para nossa análise é explicar como se dá a relação argumental dos argumentos internos reflexivos, como em (154). Como podemos selecionar um argumento interno como *himself*, se o argumento externo ao qual ele está ligado não é selecionado na estrutura argumental?

- (154) *He laughed himself sick*
 Ele riu ele mesmo doente
 “Ele riu até ficar doente/ Ele ficou doente rindo”

Na teoria de estrutura argumental de Hale & Keyser (2002), a posição de argumento externo é questão para a sintaxe, sendo projetada pelo núcleo funcional relevante (como VoiceP, (Kratzer 1996)). Para sentenças como (154), iremos propor que o argumento interno é uma anáfora subespecificada quanto à sua forma, que estabelece correferência como sujeito na sintaxe, e é realizada no componente fonológico como *himself* simplesmente pelo fato de estar ligada a um elemento de gênero masculino. Assim, o sujeito *He* ocupa apenas a posição de sujeito, apesar de ser identificado como argumento tanto de *sick* quanto de *laugh*.

Resolvidas as questões referentes às resultativas em inglês, resta-nos, ainda, relacionar a forma lógica de modificação de estado resultante (Cf. seção 2.2.2., acima) das chamadas

⁵⁶ Cf. *O menino dançou pra dentro da sala.

“resultativas do PB” a uma estrutura sintática que, assim como nas *resultative tags*, mostra as relações eventivas entre o verbo, seus argumentos, e o predicado secundário. Este será o objetivo da nossa próxima seção.

3.2.4. *A estrutura argumental dos modificadores de estado resultante*

Até aqui, tentamos mostrar que a estrutura das resultativas do inglês é formada a partir da estrutura argumental de verbos deadjetivais, a mesma estrutura que deriva verbos inacusativos. Para o PB, tentaremos mostrar que os dados que são chamados de “construções resultativas” não têm um resultado adicionado a uma sentença já formada. Na verdade, as sentenças do PB são meramente o produto de uma estrutura argumental formada com base em um tipo de estrutura que determina o resultado da ação verbal pelo seu argumento interno, e não pelo predicado secundário, como é o caso das construções resultativas em inglês.

Nas seções anteriores, mostramos que as resultativas são formadas a partir de verbos deadjetivais, e que essa estrutura só é possível em línguas como o inglês, pelo fato de que, em PB, uma raiz não pode preencher o nó verbal dessa estrutura, pois, dado a sua marcação negativa quanto ao Parâmetro de Composicionalidade, uma raiz não pode ocupar uma posição [+Afíxal]. Com base nessa afirmação, uma estrutura sintática distinta para os dados do PB se faz necessária. Mostraremos, nesta seção, que os “predicados resultativos do PB” são predicados cujo conteúdo não interfere na mudança de estado da ação verbal, assim como nossa proposta dentro da semântica de eventos (Cf. seção 2.2.2., acima).

Tanto Lobato (2004) quanto Foltran (1999) afirmam que os dados referentes ao que as autoras chamam de “construção resultativa do PB” são delimitados, e Lobato (2004) afirma

que essas sentenças só são formadas com verbos que selecionam argumento interno. Logo, a estrutura argumental dessas sentenças deve refletir essas características fundamentais. De acordo com a forma lógica que propusemos para os dados do PB no capítulo 2 ((90), repetido aqui como (155)), a estrutura sintática para essa forma lógica precisa denotar as relações eventivas e dos seus argumentos.

(155) *O engenheiro construiu a ponte sólida.*

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, \text{engenheiro}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, s) \ \&$

$(\exists s)[\text{Estar-construída}(s) \ \& \ \text{Theme}(s, \text{ponte}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{Estar-sólida}(s)]]$

Traçando um paralelo com as *resultative tags* e a representação sintática da estrutura argumental das resultativas, a forma lógica em (155) teria a estrutura sintática (156) como sua correspondente:

Mais uma vez, omitiremos o agente da estrutura argumental. O verbo construir é, conforme a definição de Lobato (2004), um verbo de criação. Logo, o elemento que delimita sua telicidade é o seu argumento interno. Conforme mostramos nos testes na seção 2.2.1., a

retirada do predicado secundário não altera a telicidade da estrutura. Logo, não é possível atribuir a (155) a mesma estrutura das resultativas do inglês ((152), acima), pois o estado resultante não é determinado pelo adjetivo *sólida*, nesses casos.

A relação entre a ação de *construir* e o seu tema *a ponte* é dada na estrutura argumental, portanto, pela relação de complementação. O estado *estar-sólida*, ao contrário do que vimos nas resultativas, não tem relação com um evento resultante, como na relação BECOME, presente nas resultativas do inglês. Ou seja, na forma lógica (155), ele é introduzido como um mero adjunto, assim como na nossa proposta de estrutura (156), já na sintaxe.

Nesse ponto, nossa proposta se mostra mais interessante do que as propostas de Hoekstra (1988) e Levin & Rappaport-Hovav (1995), no que diz respeito à seleção de resultativas. Os autores diziam que o predicado resultativo era adicionado a uma sentença que denotava uma atividade, e essa era transformada em um *accomplishment*. Aqui, vemos que não existe uma mudança de aspecto, nem adição de elementos predicativos nas construções resultativas. Na verdade, atividades e *accomplishments* são produtos de estruturas argumentais distintas, e a resultatividade é produto da delimitação que um tipo de estrutura argumental permite.

Por razões didáticas, não iremos analisar os dados de Lobato um a um, como fizemos com as formas lógicas na seção 2.2.2. Acreditamos que a estrutura (156) possa ser estendida a todos os outros dados de Lobato com verbos transitivos.

No caso dos verbos inacusativos, temos motivações sintáticas e semânticas para dizer que não existem construções resultativas com esse tipo de verbo, seja em PB, seja em inglês. Uma consequência semântica é derivada a partir da nossa proposta de estrutura sintática para as resultativas do inglês. Como vimos, as construções resultativas são derivadas a partir da mesma estrutura de verbos inacusativos. Como vimos na seção 1.3.4.1. (acima), os verbos

inacusativos do inglês com predicados secundários sempre possuem modificadores de estado resultante, dada a sua natureza delimitada. No caso do PB, *sempre* temos modificadores de estado resultante, e nunca *resultative tags*. Assim, a ausência de resultativas genuínas com verbos inacusativos, seja no PB, seja em inglês, é um fato que se segue naturalmente, dada a restrição semântica que propusemos.

4. Conclusão

Neste trabalho, tentamos mostrar que o fenômeno da *construção resultativa* é exclusivo de línguas como o inglês, e que as análises que defendem sua existência no PB comparam dados divergentes daqueles que caracterizam uma resultativa típica, segundo o nosso *critério resultativo*.

Apesar de sutil, a diferença de modificação que um predicado dito resultativo pode ter sobre o evento ou sobre um estado resultante é fator determinante para considerá-lo resultativo, excluindo inclusive sentenças que são, equivocadamente, consideradas resultativas no inglês.

Assim, a “fórmula” para criar uma construção resultativa no inglês não se aplica ao PB. É fato que um falante de inglês consegue criar expressões como “*for you, I bleed myself dry*”, (“*por você, eu sangro até secar*”) ou “*cut him loose, now!*” (“*liberte-o agora, cortando [as cordas que o amarram]*”) com extrema facilidade e produtividade. Em PB, porém, expressões como “**por você, eu sangro eu mesmo seco*” ou “**corte-o solto, agora!*” são agramaticais.

As conclusões alcançadas em nossa análise mostram que PB e inglês são diferentes tanto tipologicamente quanto parametricamente. Enquanto inglês constrói uma perspectiva de descrição de evento fazendo amálgama de modo ao verbo, PB faz amálgama do co-evento, ou do estado resultante, por assim dizer. Sintaticamente, a impossibilidade de formação de uma estrutura sintática resultativa se dá pelo fato de PB ser marcado negativamente quanto ao Parâmetro de Composicionalidade, que impede a formação de predicados complexos resultativos nessa língua.

Referências Bibliográficas

BAKER, M. C. **Incorporation: A theory of grammatical function changing**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1988.

BECK, S. There and back again: a semantic analysis. **Journal of Semantics** 22, p. 3-51, 2005

BISOL, L. **Predicados complexos do português**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972.

CARRIER, J.; RANDALL, J. H. The argument structure and syntactic structure of resultatives. **Linguistic Inquiry** 23, p. 173-234, 1992.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995a.

_____. **Knowledge of language: Its nature, origins and use**. New York: Praeger, 1986a.

_____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

DOWTY, D. **Word meaning and Montague grammar**. Reidel: Dordrecht, 1979.

EMBICK, D. On the structure of resultative participles in English. **Linguistic Inquiry** 35.3, p. 355-392, 2004.

FOLTRAN, M. J. G. D. **As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1999.

FOLTRAN, M. J. G. D.; WACHOWICZ, T. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), v. 48, p. 211-232, 2007.

HALE, K.; KEYSER, S. J. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Linguistic inquiry monographs; 39. Massachusetts: MIT Press, 2002.

_____. On Argument structure and the lexical expression of syntactic relations. **Manuscrito**. MIT, 1993.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). **The view from building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger**. Cambridge, MA: MIT Press. p. 111-176, 1993.

HARLEY, H. Merge, conflation and head movement: The first sister principle revisited. **Proceedings of NELS 34**, U. Mass Amherst: GSLA, 2004.

HARLEY, H. The bipartite structure of verbs cross-linguistically. Write-up of a talk given at **the 2007 ABRALIN Congress** in Belo Horizonte, Brazil, March 2007.

HOEKSTRA, T. Aspect and theta-theory. In: ROCA, I. M. (ed.). **Thematic structure: Its role in grammar**. Dordrecht: Foris, 1992.

_____. Small clause results. **Língua** 74, p. 101-139, 1988.

HONG, SOO-MIN. **“Exceptional” Case-marking and resultative constructions**. Ph.D. Thesis – University of Maryland, 2006.

JACKENDOFF, R. **Semantic structures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

JAYASEELAN, K. A. Complex predicates and the theory of theta-marking. Paper presented at **Generative Linguistics in Old World (GLOW)**, Copenhagen, April 11-14, 1984.

KAYNE, R. S. **Connectedness and binary branching**. Dordrecht: Foris, 1984.

KIM, S.; MAILING, J. A cross-linguistic perspective on resultative formation. In: BLIGHT, R.; MOOSALLY, M. (eds.) **Texas Linguistic Forum 38: The syntax and semantics of predication**. Austin TX: University of Texas Department of Linguistics. p. 189-204, 1997.

KRATZER, A. Building resultatives. In: MAIENBAUM, C.; WÖLLSTEIN-LEISEN, A. (eds.). **Event arguments in syntax, semantics, and discourse**. Tübingen: Niemeyer, 2005.

_____. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (eds.) **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer. p. 109-137, 1996.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface**. Linguistic Inquiry Monograph 26. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R. (orgs.). **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARANTZ, A. **Rederived Generalizations**. Mimeo. Último acesso em 22/05/2008. Disponível em <http://web.mit.edu/marantz/Public/EALING/ReDeriving.pdf>, 2005.

MARCELINO, M. **O parâmetro de composição e a aquisição de L2**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 2007

_____. **Construções resultativas em português e inglês: Uma nova análise**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MATEU, J. On the l-syntax of directionality/resultativity: The case of Germanic preverbs”. In: ASBURY, A.; DOTLAČIL, J.; GEHRKE, B.; NOUWEN, R. (eds.). **Syntax and Semantics of Spatial P**, p. 221–250, 2008.

_____. Small clause results revisited. **ZAS Papers in Linguistics**, vol. 26. Proceedings of the Workshop on the Syntax of predication, 2001.

MINUSSI, Rafael Dias. **A relação entre Caso e definitude no hebraico: o Construct State e a Marcação Diferencial de Objeto**. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NEELEMAN, A.; VAN DE KOOT, H. Bare resultatives. **Journal of Comparative Germanic Linguistics**, 6 (1), p. 1-52, 2002.

PARSONS, T. **Events in the semantics of English:** a study in subatomic semantics. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

PUSTEJOVSKY, J. The syntax of event structure. **Cognition** 41, p. 47–81, 1991b.

SIMPSON, J. Resultatives. In: LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M.; AND ZAENEN, A. (eds.). **Papers in lexical-functional grammar**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1983.

SMITH, C. **The Parameter of aspect**. 2nd ed. Dordrecht: Kluwer, 1997.

STECHOW, A. VON. (Lexical decomposition in syntax. In: EGLI, U.; PAUSE, P. E.; SCHWARZE, C.; VON STECHOW, A.; WIENOLD, G. **The lexicon in the organization of language**. Amsterdam: John Benjamins. p. 81–118, 1995.

STOWELL, T. **Origins of phrase structure**. Ph.D. Dissertation – MIT, 1981.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. 2 volumes. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

TENNY, C. **Grammaticalizing aspect and affectedness**. Doctoral Dissertation – MIT, 1987.

VAN VALIN JR., R. Semantic parameters of split intransitivity. **Language** 66, p. 221-260, 1990

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.